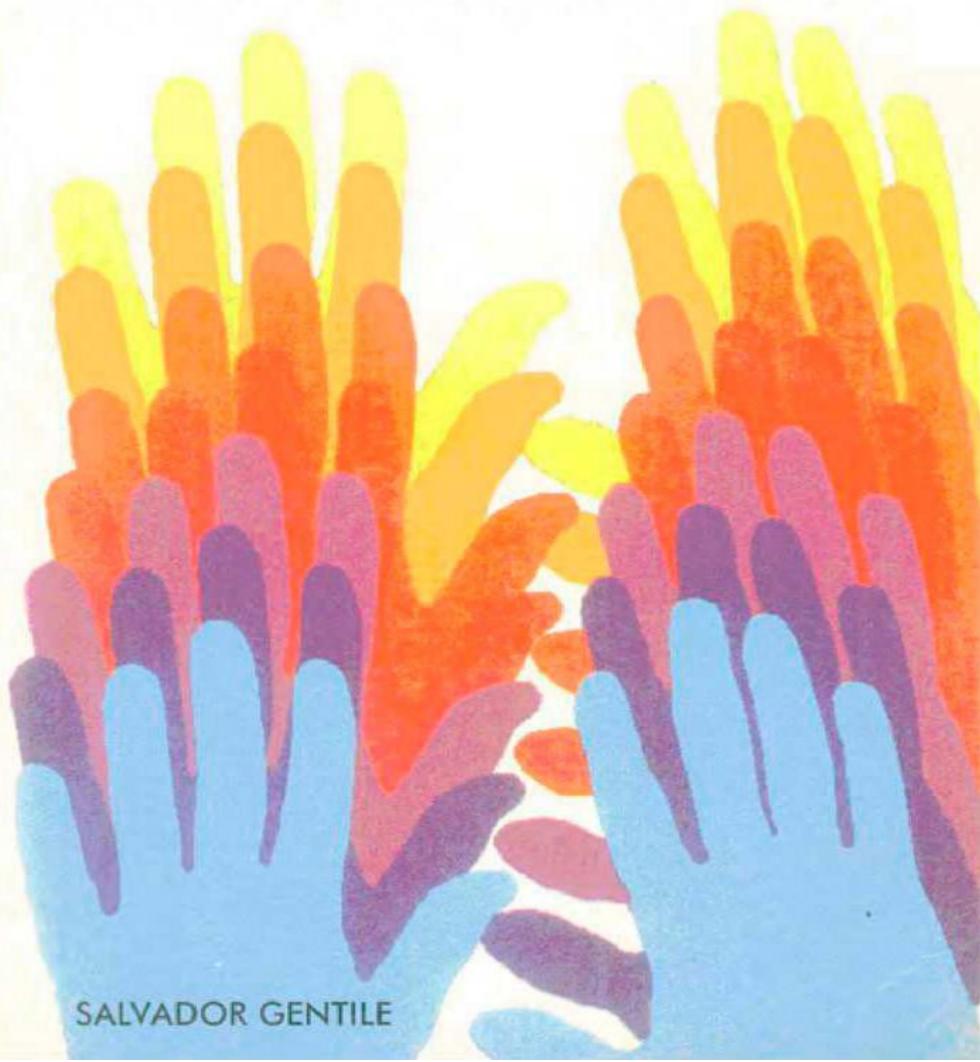


O PASSE MAGNÉTICO

SEUS FUNDAMENTOS E SUA APLICAÇÃO



SALVADOR GENTILE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

O PASSE MAGNÉTICO

SEUS FUNDAMENTOS

E

SUA APLICAÇÃO

Salvador Gentile

O PASSE MAGNÉTICO

SEUS FUNDAMENTOS

E

SUA APLICAÇÃO



Capa:
Cláudio de Oliveira Santos

Ilustrações:
Alexandre Luiz Rampin

© 1994, Instituto de Difusão Espírita

1ª edição - 10.000 exemplares - março/1994



INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Av. Otto Barreto, 1067 - Caixa Postal 110
Fone: (0195) 41-0077 - CEP 13600-970 - Araras
Estado de São Paulo - Brasil
C.G.C. (MF) 44.220.101/0001-43
Inscrição Estadual 182.010.405.118

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada na Editora)

Gentile, Salvador, 1927-

G295p

O Passe - Seus Fundamentos e Sua Aplicação / Salvador Gentile. Araras, SP, IDE, 1ª edição, 1994.

104 p.: 20 il.

1. Espiritismo 2. Mediunidade de cura I. Título.

CDD-133.9

-133.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.9

2. Mediunidade de cura: Espiritismo 133.91

ÍNDICE

Apresentação	11
I - Fluido cósmico	13
II - O corpo físico e o perispírito	19
III - A aura humana	24
IV - As faculdades radiantes	31
V - Qualidades comuns ao magnetizador e ao médium curador	40
VI - O Passe, seus fundamentos	47
VII - O Passe, seus mecanismos e sua aplicação	63
VIII - O Passe individual	70
IX - O Passe no Centro Espírita	86
X - Conclusão	96

APRESENTAÇÃO

Quando montamos este trabalho foi com a finalidade de organizarmos uma apostila destinada aos trabalhadores do Centro Espírita do Instituto de Difusão Espírita, para acompanhamento de alguns encontros em que pretendíamos discutir o assunto.

Tratava-se de rever os métodos usados e unificar os procedimentos, e, ao mesmo tempo, dar uma noção mais aproximada da realidade dos mecanismos do passe e da sua aplicação, na esteira dos ensinamentos da Doutrina Espírita, e, dentro dos limites desta.

Assim, deve-se entender, desde logo, que este material encerra um ponto de partida, uma base sobre a qual iria girar a discussão do tema tão importante.

Tendo em vista que alguns companheiros viram no trabalho uma utilidade maior, ou uma experiência que poderia ser renovada por outros grupos espíritas, resolveu-se transformar a apostila neste pequeno livro.

Por isto mesmo é preciso dizer que não temos a pretensão de estabelecer padrões para os serviços de passe. Tudo o que aqui está contido, conquanto embasado

em ensinamentos transcritos dos livros espíritas, é material para estudo e discussão.

É, pois, dentro desse espírito que entregamos aos nossos leitores a presente publicação, esperando que seja útil, de alguma forma, para o esclarecimento do assunto.

Araras, janeiro de 1994.

O Autor.

CAPÍTULO I

FLUIDO CÓSMICO.

Abrindo o assunto de seu livro *Evolução em Dois Mundos* (1), André Luiz, assim se expressa reportando-se ao fluido cósmico:

“O fluido cósmico é o plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo-Sábio.

Nesse elemento primordial, vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano.”

Sabemos que o Universo se equilibra na interação magnética de todos os astros que se movem no espaço cósmico; que esse conjunto admirável, que os modernos meios de sondagem do espaço nos dão a conhecer em sua descomunal grandiosidade, caminha matemática e sincronizadamente para um ponto que nos é desconhecido, a perder-se nos confins do Infinito.

De astro a astro, de constelação a constelação, de galáxia a galáxia, a criação divina se move imperturbável, conservando as mesmas características do primeiro instante, obediente às leis imutáveis do Criador.

(1) Francisco Cândido Xavier, Waldo Vieira, 10ª ed. FEB, Primeira Parte, Cap. I, p. 19.

De que natureza é esse fluido cósmico, que é o plasma divino com o qual se estruturam os mundos, as estrelas, os espaços entre os corpos celestes?

Os Espíritos nos dizem que esse fluido é de essência eletromagnética, e subentende-se que ele enche todo o espaço, não existindo o vazio em toda a amplidão sideral.

Somente para melhor entendimento, e para facilitar o raciocínio de coisa para nós, encarnados, tão abstrata, imaginemos que esse vastíssimo campo... magnético esteja todo cheio de água, e que todos os astros estão mergulhados nele, na palavra de André Luiz, como vimos acima, *como peixes no oceano movendo-se dentro dele*.

Esta imagem, que é a imagem da realidade quanto à forma, poderá nos fazer entender a essência desse elemento que enche os espaços.

Identifiquemos esse elemento fundamental da vida, como de natureza magnética e, mentalmente, suponhamo-lo encher todos os espaços como a água do oceano universal, para começarmos a entender que, realmente, assim acontece com o fluido universal, que é esse elemento primordial.

De onde vem essa força magnética tão ampla, tão essencial na organização do Universo, dos seres e das coisas?

Pensemos:

– Deus é a fonte primeira de toda vida e é da irradiação de seu campo magnético que se forma o campo magnético fundamental, onde, de fato, estamos todos mergulhados, e que mantém a coesão, a harmonia e a vida efetiva de todos os astros que compõem o Universo infinito. É aqui que se aplica, verdadeiramente, a noção do *oceano* fundamental e é neste entendimento que se pode entender

a palavra de Paulo de Tarso, em Atos, 17:28, quando diz que *em Deus nos movemos, existimos*.

– Neste campo magnético fundamental, as galáxias que nele estão mergulhadas geram seu próprio campo magnético secundário, onde estão presas as constelações que se movem ao seu redor e dentro do *oceano*.

– As constelações formam um conjunto de sóis identificados vibratoriamente, que se equilibram entre si, num mesmo campo magnético próprio, movendo-se juntos e agrupados nesse mesmo *oceano*.

– Cada sol, que tem seu próprio campo magnético, arrasta atrás de si, ou melhor, ao seu redor, o conjunto de planetas que lhe formam o cortejo, presos ao seu campo magnético.

– Cada planeta, que também tem seu próprio campo magnético, nele mantém presos os seus satélites, e tanto os planetas quanto os sóis, quanto as constelações, quanto as galáxias, tudo está mergulhado no *oceano*, a que nos referimos, e que representa o campo magnético fundamental gerado pela Vontade do Criador, de Deus, Nosso Pai.

Tudo forma o que poderíamos, de certa forma e paliadamente, chamar o *corpode* Deus, de modo que Ele, olhando para o seu corpo, vê-lo-ia como um corpo íntegro, do mesmo modo como vemos o nosso próprio corpo físico que arrasta consigo trilhões de células vivas e diferenciadas, formando raças distintas, e exercendo distintas funções.

*

É evidente que assunto tão transcendental não pode ser resolvido com meia dúzia de palavras, mas o que nos importa aqui é dar uma noção, ainda que vaga, do fluido cósmico representado pelo magnetismo que nos envolve a todos e a tudo.

Esse campo magnético, na verdade, é *energia*, formada pela irradiação de todas as fontes de magnetismo a que nos referimos acima, que compõem o nosso *oceano*.

Para *materializar*-mos, de certa forma, essa energia, tomemos um ímã comum, esses em forma de ferradura (ímã de Reichembach, figura 1) por exemplo, e aproximemos de seu *campo magnético* limalhas de ferro; vamos ver que essas limalhas serão atraídas; que, de dentro para fora, o campo vai diminuindo de intensidade, ou de energia, e que essa energia pode passar para outro corpo; mergulhando no campo um outro corpo, uma chave de fenda por exemplo, esta vai absorver a energia e, por sua vez, integrá-la em

seu próprio campo magnético e atrair, agora, embora com menor intensidade, outras limalhas que se lhe aproximarem.

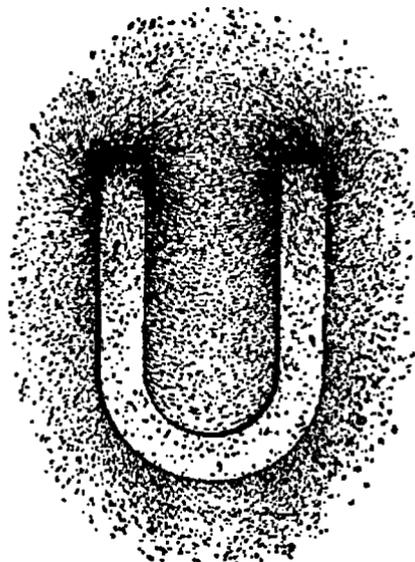


Figura 1

*

Falamos do espaço sideral e da dimensão de astros que se movem dentro dele, mas não falamos, até agora, da *matéria*. Sim, o que *vemos*, o que *percebemos* nesse conjunto imensurável, é a *matéria*, é ela que impressiona os nossos sentidos, que dá *forma* às coisas.

Ensina-nos André Luiz, em *Evolução em Dois Mundos*, página 23:

“Cabe-nos assinalar, desse modo, que, *na essência, toda a matéria é energia tornada visível* e que, *toda a energia, originariamente, é força divina* de que nos apropriamos para interpor os nossos propósitos aos propósitos da Criação...”(O grifo é nosso.)

O que está dito acima implica em dizer que a matéria não passa de ser uma *aparência* para os nossos sentidos, *a energia tornada visível*, na síntese admirável do Autor supra mencionado.

E como se dá essa *visibilidade da energia*, essa *aparência* que chamamos matéria?

Espíritos encarnados na Terra, estamos na faixa vibratória correspondente à crosta planetária, com a percepção apropriada para *tornar visível* toda energia, existente nessa faixa, com a qual *sintonizamos*, ou melhor, que esteja na nossa intensidade vibratória.

O Espírito desencarnado, estando no mesmo local do espaço, vai *ver* outra coisa ao seu redor, de acordo com a sua condição vibratória; um Espírito vindo de uma esfera superior, estando no mesmo lugar, *verá* coisa diversa ao redor de si, e assim por diante, o que nos permite dizer que, em qualquer lugar do Universo que estivermos, *veremos*, ou melhor a energia se nos tornará visível, na faixa vibratória que sintonizamos, em razão de nossa qualidade evolutiva.

Por esse mesmo motivo, um médium vidente, quando penetra no mundo espiritual, não vê mais as paredes e coisas (matéria) do recinto em que se encontra.

Podemos, pois, dizer que o fluido cósmico é essa *energia*, essa *força magnética* que enche o espaço sideral,

e que, quando tornada visível, assume a *aparência* que chamamos *matéria*.

*

Desculpe-nos o leitor este ligeiro mergulho em assunto tão complexo e tão sério, mas que, no entanto, é fundamental para entendermos a matéria de nosso estudo, porque sem sabermos, de certa forma, assimilar o que é *energia* e o que é *matéria*, não chegaremos a compreender a nossa própria essência.

CAPÍTULO II

O CORPO FÍSICO E O PERISPÍRITO

Todos sabemos, pelas observações e definições da ciência, de certa forma, o que é o *corpo físico*.

No entanto, pelo que acabamos de considerar, sendo a *matéria* uma simples *aparência*, ou a *energia tornada visível*, forçoso é concluir que o corpo físico, *na essência*, é de natureza *magnética*, irradiando ao seu redor, ou seja, tendo seu próprio *campo magnético*.

Nesse sentido, o perispírito, ou corpo espiritual encarnado, tem a mesma natureza, quer dizer, é de *natureza magnética* e tem seu próprio *campo magnético*, embora este esteja em faixa vibratória diferente, inapreciável aos nossos sentidos de Espíritos encarnados.

Mas, na verdade, este quadro é apenas parcial, corresponde aos primeiros ensinamentos trazidos pelos Espíritos e que Allan Kardec catalogou juntamente com os princípios que fundamentaram a Doutrina Espírita, ou Espiritismo.

André Luiz, ainda no livro *Evolução em Dois Mundos*, página 25, nos esclarece:

“Para definirmos, de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental (3) que lhe preside a formação.”

Na *nota* ao pé da página, esclarece o Autor:

“(3) O corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente, e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude de conceituação, além daquela com que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados, e isto por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre.”

Para maior esclarecimento, quanto ao *corpo mental*, que é novidade, fora dos apontamentos da Codificação, é preciso acompanhar, em *Nosso Lar*, 4ª ed., FEB, página 196, quando André Luiz deixa, num momento de repouso, o seu *corpo espiritual*, e vai, revestido de *outro corpo* (este o *corpo mental*), em viagem para outra esfera. À semelhança, pois, de quando, durante o sono, deixamos o corpo físico para ingressarmos, com o nosso corpo espiritual, no mundo invisível.

A se deduzir das palavras da *nota* acima transcrita, sendo o corpo mental o *envoltório sutil da mente*, pode-se, de certa forma, deduzir que, no Espírito encarnado, no ser humano, portanto, ele está contido nos limites que encerram a *luz* do Espírito, e em cuja substância está a memória cármica do ser e o molde fundamental para a recomposição do corpo espiritual, quando isto se faça necessário. Bastante ilustrativo, a esse respeito, é o fato de uma desencarnação, narrado por André Luiz, em seu livro *Obreiros da Vida Eterna*, 18ª ed., FEB, página 211, onde, depois das operações de desligamento, é destacada uma pequena *luz* que, em instantes, se abre para recompor o

corpo espiritual do desencarnante, e reintegrar o Espírito no mundo espiritual.



Para evitar confusão, tendo em vista os ensinamentos que os Espíritos, notadamente por intermédio de André Luiz, nos têm trazido, convém fazermos uma distinção entre *perispírito* e *corpo espiritual*.

Dizemos que o *perispírito* é o *corpo espiritual encarnado*, com dispositivos apropriados à sua ligação momentânea com o corpo carnal, porque, depois da morte, ele se apresenta com alterações, e que "do ponto de vista da constituição e função em que se caracteriza na esfera imediata ao trabalho do homem, após a morte, é o corpo espiritual o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, algo modificado no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo, porém, com as aquisições da mente que o maneja." como acentua André Luiz, em *Evolução em Dois Mundos*, página 25.



Entremos em outra ordem de considerações. Como vimos, o *corpo físico* é o reflexo do *corpo espiritual*, o molde fundamental sobre o qual se estrutura o nosso corpo físico, e que, essencialmente, só difere deste quanto a algumas modificações no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos.

Isto equivale a dizer que o corpo espiritual tem os mesmos órgãos e funções do corpo carnal, e pensamos

que, no encarnado, os dois *corpos* se ligam ponto a ponto, ou seja, têm a mesma localização, quer dizer, o fígado, por exemplo, de um está contido no fígado do outro, e assim com todas as demais partes. Cumpre notar que os dois órgãos se interpenetram porque não ocupam o mesmo lugar no espaço, já que cada um está numa faixa vibratória diferente. Para o nosso estudo, esta noção convém ser entendida e guardada.

Sendo o *mundo espiritual* o nosso meio natural, o *mundo material* nos é um ambiente provisório, onde estagiamos para o aprendizado que nos compete, em vista de nossa destinação eterna.

Disto se deduz que o *corpo espiritual* é o nosso corpo fundamental, o que sobrevive sempre, e onde se refletem as conquistas ou as quedas de nosso Espírito. Sim, porque, com a morte, o *corpo físico* entra em decomposição e desaparece para sempre como forma, reintegrando sua substância ao patrimônio físico do planeta.

Por isso, como vimos acima, André Luiz nos afirma que o corpo espiritual é o *veículo físico por excelência*, naturalmente, entendendo-se aqui, para que não haja confusão, que se refere à parte *física* do *mundo espiritual*, do nosso meio natural, que, nem por isto, deixa de ser um *mundo de aparências*, ou o mesmo campo magnético fundamental em outra faixa vibratória que não a nossa, ou *energia* em sua essência.

O que pretendemos destacar, neste passo de nossos estudos, é que, *sempre*, somos de natureza eletromagnética, e que, assim, *sempre* somos *energia*, e que a nossa *parte material* não passa de ser uma como que *aparência* (e mesmo *ilusão*) ferindo os nossos sentidos, tornando-se visível em face da nossa sintonia vibratória.

Também é muito importante fixar que o nosso *corpo*

espiritual é o nosso corpo, ou *veículo físico* fundamental, que condiciona o nosso corpo físico o corpo transitório de nossa encarnação, que serve de instrumento para que o Espírito se manifeste nas faixas da matéria bruta, ou mundo da carne, para que seja diferenciado do nosso mundo natural.

Os Espíritos, quando da Codificação, definiram o perispírito como sendo o *laço* que une o Espírito ao corpo, um *corpo* entre o Espírito e o corpo físico, salientando, no entanto, que ele sobrevive à morte.

André Luiz nos mostra, não obstante, o corpo espiritual, como vimos, sendo o molde fundamental do corpo físico, que, assim, o reflete, como ele, corpo espiritual, reflete o corpo mental, o que implica dizer que, na verdade, o molde fundamental das formas do Espírito está neste último.

CAPÍTULO III

A AURA HUMANA

Se somos de natureza *eletromagnética*, e temos nosso *campo magnético* próprio, didaticamente, podemos nos considerar como uma lâmpada acesa, com um campo luminoso formado pelos fótons irradiados ao seu derredor. (Figura 2.)

Este *campo magnético*, que assemelhamos ao da lâmpada acesa, contém, realmente, a irradiação luminosa de nossa individualidade espiritual, de nosso Espírito, a refletir as irradiações de nosso corpo físico, de nosso perispírito e de nosso *corpo mental*, de

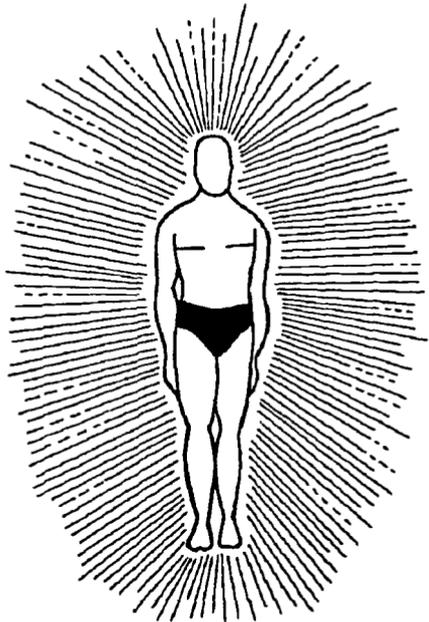


Figura 2

nossa identidade eterna, formando um conjunto singular que conhecemos pelo nome de *aura*.

Todos os corpos da Natureza, sendo na essência *energia*, irradiam, ao seu redor, o *campo* dessa *energia*. Esta noção corresponde ao *estado radiante dos corpos*, definido experimentalmente por William Crookes. Eles têm, assim, uma *aura* própria, mas simples, limitada à sua essência também simples.

As fotos tomadas pelas câmeras Kirlian têm a propriedade de registrar esse estado radiante de qualquer corpo, mineral, vegetal ou animal.

No entanto, o ser humano, o ser encarnado, de natureza muito mais complexa, à qual estão incorporadas a inteligência e a vontade livre, apresenta uma irradiação de sua complexidade, ou seja, de seu corpo físico, de seu corpo espiritual, de seu corpo mental e de seu Espírito, este conjunto que caracteriza o filho de Deus, o ser da criação cursando a escola da vida terrena. Sua *aura*, assim, lhe é peculiar, e podemos particularizá-la, como vemos na figura 3, a saber:

Aura do corpo físico, ou campo de irradiação do corpo físico, que se vê junto ao corpo, e que reflete, pelas suas cores, o seu estado de saúde física.

Aura do perispírito, ou campo de irradiação do *corpo espiritual encarnado*, que reflete o seu estado de saúde *física e emocional*, e que, também, pelas suas cores, reflete o estado de saúde do perispírito, e que sobressai por fora da *aura* do corpo físico.

Aura espiritual, espécie de *neblina* que envolve as duas irradiações, acima mencionadas (que poderíamos dizer, como vimos, *físicas*), e que reflete o corpo mental do indivíduo e seu Espírito com as suas aquisições espirituais no decorrer das eras.



Figura 3

A nossa *aura*, quando equilibrada, saudável, brilhante, se constitui num *escudo* que nos defende das irradiações inferiores, como, por exemplo, pensamentos de inveja, ciúme, vingança, ódio, etc. que estão contidos no espaço que nos circunda, em forma de *ondas mentais*, prontas a alimentarem poderosamente o nosso campo energético, se sintonizarmos com elas.

A nossa *aura* nos defende também da interferência de Espíritos inferiores, repelindo a sua nefasta influência a qual, entre outros prejuízos, podem nos provocar doenças no corpo espiritual e, depois, no corpo físico, ou se ligarem a nós em processos obsessivos de toda espécie.

Lembremo-nos do que foi dito anteriormente, quanto ao fluido cósmico formando o *oceano* onde todos e tudo está mergulhado, e a interpenetração dos *campos magnéticos* de todos os astros, e consideremos que todas essas *energias* irradiadas nos alcançam.

E nos alcançam justamente através de nossa *aura* que funciona, neste caso, como uma antena receptora absorvendo essas ondas magnéticas, e alimentando, assim, o nosso *campo fluídico* ou *magnético*, de acordo com a nossa *sintonia mental*.

Introduzimos aqui referência ao nosso *campo fluídico* que os Espíritos definiram na Codificação, e que constitui a parte exterior de nossa *aura*, de forma aparente de neblina, onde, pela cor que nos é própria, se define a nossa posição espiritual, e influímos sobre as pessoas que dele se acercam, causando-lhes reações simpáticas ou antipáticas.

Em *Obras Póstumas*, Allan Kardec, página 104, edição IDE, destacamos:

“Cada um de nós tem, pois, seu fluido próprio que o envolve e o segue em todos os seus movimentos, como a

atmosfera segue cada planeta. A extensão da irradiação dessas atmosferas individuais é muito variável; num estado de repouso absoluto do Espírito, essa irradiação pode estar circunscrita num limite de alguns passos; mas sob o domínio da vontade, pode alcançar distâncias infinitas; a vontade parece dilatar o fluido, como o calor dilata o gás.”

Abordando este assunto, que muitos crêem ser do domínio apenas de escolas ocultistas e esoteristas, André Luiz, em *Evolução em Dois Mundos*, pág. 129, assim o explica:

“Considerando-se toda célula em ação por unidade viva, qual motor microscópico, em conexão com a usina mental, é claramente compreensível que todas as agregações celulares emitam radiações e que essas radiações se articulem, através de sinergias funcionais, a se constituírem de recursos que podemos nomear por “tecidos de força”, em torno dos corpos que as exteriorizam.

“Todos os seres vivos, por isso, dos mais rudimentares aos mais complexos se revestem de um “halo energético” que lhes corresponde à natureza.

“No homem, contudo, semelhante projeção surge profundamente enriquecida e modificada pelos fatores do pensamento contínuo que, em se ajustando às emanações do campo celular, lhe modelam, em derredor da personalidade, o conhecido corpo vital ou duplo etéreo de algumas escolas espiritualistas, duplicata mais ou menos radiante da criatura.

“Nas reentrâncias e ligações sutis dessa túnica eletromagnética de que o homem se entreja, circula o pensamento, colorindo-a com as vibrações e imagens de que se constitui, aí exibindo, em primeira mão, as solicitações e os quadros que improvisa, antes de irradiá-los no rumo dos objetos e das metas que demanda.

“Aí temos, nessa conjugação de forças físico-químicas e mentais, a aura humana, peculiar a cada indivíduo, interpenetrando-o, ao mesmo tempo que parece emergir dele, à maneira de campo ovóide, não obstante a feição irregular em que se configura, valendo por espelho sensível em que todos os estados da alma se estampam com sinais característicos e em que todas as idéias se evidenciam, plasmando telas vivas, quando perduram em vigor e semelhança, como cinematógrafo comum.

“Fotosfera psíquica, entretecida em elementos dinâmicos, atende à cromática variada, segundo a onda mental que emitimos, retratando-nos todos os pensamentos em cores e imagens que nos respondem aos objetivos e escolhas, enobrecedores ou deprimentes.

“A aura é, portanto, a nossa plataforma onipresente em toda comunicação com as rotas alheias, antecâmara do Espírito, em todas as nossas atividades de intercâmbio com a vida que nos rodeia, através da qual somos vistos e examinados pelas Inteligências Superiores, sentidos e reconhecidos pelos nossos afins, e temidos e hostilizados ou amados e auxiliados pelos irmãos que caminham em posição inferior à nossa.

“Isso porque exteriorizamos, de maneira invariável, o reflexo de nós mesmos, nos contactos de pensamento a pensamento, sem necessidade das palavras para as simpatias ou repulsões fundamentais.

“É por essa couraça vibratória, espécie de carapaça fluídica, em que cada consciência constrói o seu ninho ideal, que começaram todos os serviços da mediunidade na Terra, considerando-se a mediunidade como atributo do homem encarnado para corresponder-se com os homens liberados do corpo físico.”

Quanto às cores da aura, costuma-se dizer, geral-

mente, que a da saúde, ou do corpo físico, é de tonalidade rosa quase branco; a do perispírito tingem-se de amarelo, e a do campo fluídico, ou do corpo mental, varia do azul, ao verde, ao rosa, e às combinações dessas cores.

Quanto à forma, a aura tem forma oval, com o bico para baixo, e circunda o corpo humano.

O conhecimento das indicações que as cores nos fornecem pode ser muito bem aproveitado quando dispomos de um médium vidente, com capacidade sensitiva para ver toda a gama de cores e poder, assim, fazer uma avaliação do estado de saúde física e mental da pessoa que procura o socorro do auxílio magnético.

Não se tratando, este trabalho, de um estudo específico sobre a aura, cremos que as ligeiras noções aqui ventiladas bastam para dar uma idéia da sua realidade, de modo a que possamos considerá-la na nossa atividade ligada aos passes e à cura.

CAPÍTULO IV

AS FACULDADES RADIANTES

Segundo os Espíritos nos ensinam, as faculdades mediúnicas, de um modo geral, estão ligadas às disposições do corpo físico, e, assim, pode-se dizer que são inatas no ser humano.

No entanto, a pessoa de boa vontade, disposta a corrigir seus defeitos e aumentar as suas virtudes, pode, com o exercício persistente e metódico, desenvolver a sua percepção para penetrar no mundo invisível, através de muitos meios, que são as faculdades mediúnicas, especialmente se fazem isto para praticar o bem, servir o semelhante, circunstância em que os Espíritos superiores se interessam pelo seu esforço e o ajudam na aceleração do processo.

Como vimos, somos, cada um de nós, um ser de natureza eletromagnética, irradiando, naturalmente, ao redor de si, as suas próprias qualidades.

Existem pessoas que têm boa saúde física, à qual aliam as vibrações de um coração generoso e de uma mente limpa e sadia, sendo quase certo que, nesse encontro de virtudes, temos um indivíduo com grande poder

magnético, ou melhor dito, com uma aura, ou campo fluídico de grande capacidade de recepção e irradiação. (Figura 3.)

Essa pessoa, querendo, pode passar para outro indivíduo parte de sua *energia*, a fim de suprir as suas deficiências ocasionadas por desgastes físico e mental, pelo aparecimento de doenças, pela ação nefasta de Espíritos obsessores, e muitos outros motivos. Basta que ela tenha *vontade* de fazer isto e que *acione* a circulação dessas energias.

Paratanto, tomando consciência de seu potencial radiante, precisará exercitar essa circulação, dirigindo, com a vontade, através dos pontos de saída que eleger, a irradiação de sua *energia* (ou fluido vital).



Figura 4



Figura 5

Se vai atuar com as mãos diretamente sobre a pessoa socorrida, mentalizará essa energia descendo do cérebro e atravessando os braços para se derramar, através dos dedos e da palma da mão, sobre o paciente, e nele penetrando. (Figura 4.)

Se vai irradiar pela frente, de seu centro coronário, imaginará a energia, ou fecho luminoso, saindo dali e alcançando o paciente na região que eleger. (Figura 5.)



Figura 6

Se vai irradiar por todo o seu corpo, direcionará a sua mente para todo o seu corpo, qual lâmpada prodigiosa, irradiando sobre o paciente, estando ele junto a si ou distante do local, circunstância que se aplica em qualquer caso, porque nem sempre se faz necessária a presença física do beneficiado. (Figura 6.)

Neste caso, temos o magnetizador comum, doando suas próprias energias. No entanto, a vida está estruturada de forma que toda sementeira do

bem produza frutos. Quando o magnetizador começa a expelir, ou irradiar, as suas energias próprias, e que seu reservatório começa a diminuir, sem que o sinta ou saiba, esse reservatório começa a receber a energia cósmica que o circunda para se manter cheio e renovado, e quanto maior for a intenção de praticar o bem, mais retira ele desse reservatório que é o *corpo* do próprio Deus, como já vimos, e mais aumenta o seu potencial energético e as suas faculdades radiantes.

Ao lado do magnetizador comum, temos o médium magnetizador, conhecido como *médium curador*, capaz de receber e irradiar as energias espirituais recebidas dos Espíritos que o assistem. Seu papel, fundamentalmente, é o de intermediário, e por isso mesmo é chamado *médium*.

Neste caso, para exercitar a sua faculdade radiante, o médium precisa proceder do mesmo modo acima anotado, só que deverá imaginar, e estar disto convencido, de que um Espírito lhe está derramando sobre a cabeça, em

forma de um fecho de luz, os seus próprios fluidos, cuja irradiação a sua vontade direciona. (Figuras 7, 8 e 9.)



Figura 8

Quase sempre, quando se trata de servir ao próximo, o magnetizador ganha a assistência de bons Espíritos que lhe desenvolvem a faculdade mediúnica para acrescentarem às energias do magnetizador, as suas próprias energias espirituais, enriquecendo o seu potencial e, conseqüentemente, o benefício da radiação.

Também, do lado do médium magnetizador, com o exercício da mediunidade, ele acaba desenvolvendo o



Figura 7

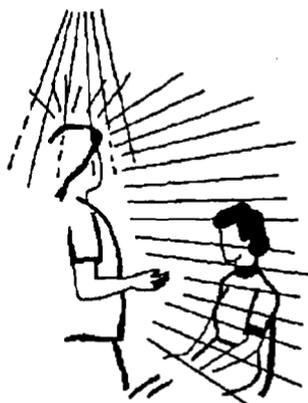


Figura 9

próprio potencial energético e enriquecendo o fluido cedido pelo Espírito com o seu próprio fluido pessoal.

Vale mencionar que, no caso do magnetizador comum, a energia que irradia está carregada de fluido mais animalizado, proveniente de uma fonte física. E, no caso do médium a energia que ele transmite é de natureza espiritual.

Como se vê, e se pode deduzir facilmente, o ideal será a veiculação das duas espécies de energias, o que, como dissemos acima, com o exercício, acaba sempre acontecendo.

Assim, a faculdade radiante pode se apresentar de três modos de execução:

1) A do *magnetizador comum*, que transmite as suas próprias energias magnéticas ao paciente que tem sob a sua ação, sendo essa energia mais animalizada, porque resultante das irradiações de um corpo materializado, de duas naturezas: material quanto ao corpo físico, e espiritual quanto ao perispírito;

2) A do *médium curador*, que transmite o fluido magnético cedido por um Espírito que o assiste. Este fluido é de natureza espiritual;

3) A de *natureza mista*, quer dizer: no magnetizador comum, quando, pelo exercício de sua faculdade no campo do bem, merece e recebe a ajuda dos bons Espíritos que lhe ativam a faculdade mediúnica, e lhe transmitem seus recursos magnéticos; no médium curador, quando, também pelo exercício da faculdade no campo do bem, acaba por aumentar o próprio potencial magnético transmitindo os seus fluidos pessoais juntamente com o dos Espíritos que o assistem.

Diz-se que a faculdade é *radiante* porque se trata de

irradiar, exteriorizar, um potencial magnético dando-lhe uma direção determinada.

Essa faculdade, ou poder, pode-se dizer que é natural, inerente à nossa natureza eletromagnética, no entanto, a *intensidade*, o *volume* da irradiação depende do exercício, da *vontade* de quem transmite.

Aqui é que entra a necessidade do exercício da radiação, do qual já falamos ligeiramente.

Como fazer esse exercício? Eis a questão.

Creemos que deveremos começar pelo mais simples, pelo menos aparentemente, e que diz respeito à irradiação pelo corpo inteiro, em que temos que *mentalizar* e nos *sentir* como irradiando, para todos os lados, como se fôssemos uma lâmpada acesa, cujos raios se perdem ao longe. Quanto mais *forte* sentirmos essa luz, para mais longe ela se irradiará. (Figura 6.)

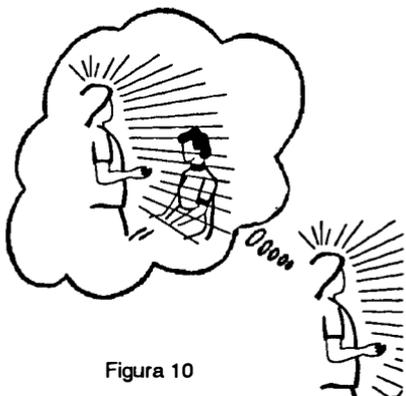


Figura 10

Façamos um exercício que, à primeira vista, parecerá bizarro: quando estivermos irradiando, pensemos numa pessoa que conhecemos bem e que se encontra muito distante do local em que estamos, em Paris, por exemplo, e mentalizaremos que ela está recebendo os raios de nossa luz, que a nossa irradiação a alcança e penetra nela. Este é o caso e

o modo da radiação à distância, que produz quase os mesmos efeitos da que se faz com a pessoa presente, se soubermos direcionar a nossa irradiação e a nossa mente,

como está aqui explicado. Na verdade, isto funcionará como se o nosso Espírito tivesse se transportado para lá, para Paris, e diante da pessoa, a quem queremos beneficiar, estivesse irradiando-lhe as próprias energias. (Figura 10.)

Quando irradiamos pela frente, pelo centro coronário que, na verdade, é o ponto de entrada de toda energia superior que nos chega e o posto distribuidor e catalizador da energia do nosso corpo, não nos esquecendo de que, na essência, somos *energia, luz*, imaginemos que está dali saindo um fecho de luz (se a aura do magnetizador for azul) azul que se abre em determinada direção. (Figura 5.)

O exercício desta faculdade, portanto, será a *mentalização* desse fecho de luz, saindo e chegando sobre a parte do corpo da pessoa a quem o dirigimos, estando ela presente ou ausente, sendo que, no caso de ausência, procederemos do modo acima explicado para a irradiação pelo corpo inteiro.

A irradiação mais comum, mais conhecida e mais usada, é através das mãos, e é aqui que devemos nos aplicar com muita persistência, com muita vontade de atingirmos o máximo poder radiante.

O primeiro ponto a considerar é o da *fonte* da energia, o manancial do qual ela jorra. Sim, porque sendo uma coisa que *jorra*, ela deve ter um manancial que supra essa *vazão*.

E onde está esse manancial, essa *fonte* de energias que vamos dispendar? Está em nós, na nossa *integridade*.

Lembremos aqui a nossa representação em forma de uma lâmpada acesa; precisamos nos sentir, quando irradiamos, como se fôssemos uma lâmpada acesa e que a sua *luz* escapa pelos nossos dois braços, *escorre* por eles, e *se despeja*, através dos dedos e da palma da mão, sobre

o paciente, no local em que queremos derramar essa energia, que é aquele onde as nossas mãos vão se colocar. (Figura 4.)

Todo trabalhador espírita, entrando em relação com o mundo espiritual e com as coisas de natureza divina, deve preparar-se para desempenhar uma tarefa, seja ela qual for, através da prece, por exemplo, a fim de *limpar* a mente e o coração. No magnetizador essa providência é essencial.

Quando oramos – e aqui vai apenas uma breve justificativa –, sintonizamos nosso Espírito com o Mais Alto, e passamos a receber a proteção dos bons Espíritos, que não querem outra coisa, para nos ajudar, senão que estejamos em posição receptiva.

Nessa posição, e para não pensar que está dispendendo energia à toa, deve-se imaginar que, diante de si, tem um *Espírito necessitado* que vai se beneficiar da energia irradiada, e é sobre ele que vai ser movimentada a energia na forma acima recomendada.

Tratando-se de *médium magnetizador*, que vai receber energias de fonte externa, dos Espíritos, deve sentir-se como uma lâmpada de muito maior potência, aumentada pela *luz* que, vindo de cima, penetra-o pela cabeça, sendo que, a partir daí, o exercício é o mesmo descrito acima. (Figura 7.)

Com o tempo, com a renovação dos exercícios e com a utilização da faculdade radiante, esse sistema acaba se tornando *automático*, isto é, dispensará o esforço de *mentalização* porque se tornará um processo unitário, no qual a simples *vontade* de utilizar a faculdade desencadeará todo o procedimento.

O exercício da faculdade radiante na prática do bem, em favor do semelhante necessitado, aumenta o campo

flúídico do magnetizador, quer dizer, aumenta a sua aura e lhe dá uma luz cada vez mais brilhante que tenderá a se aproximar, mais depressa, pela prática constante desse amor fraterno, da cor branco azulada que, segundo consta, é o brilho da luz dos Espíritos mais elevados.



É preciso lembrar aqui, de um outro tipo de faculdade mediúnica, muito usada nos serviços de passe, qual seja a de *incorporação*, hipótese na qual o Espírito, incorporado no médium, aplica diretamente o passe sobre o paciente.

É muito mais usada para os serviços nos quais intervêm Espíritos de pretos-velhos e índios. Nos trabalhos de cura da Umbanda e da Quimbanda, os passes são feitos exclusivamente pelos Espíritos incorporados nos médiuns com os quais trabalham.

Conhecemos muitos bons médiuns que, em nossos Centros Espíritas, fazem o passe com o Espírito protetor, ou guia, incorporado, geralmente com ótimos resultados, especialmente porque, no caso, a influência do Espírito no ato é muito maior, sua ação é muito mais ampla.

Vale mencionar que, pelos mesmos motivos, a incorporação do Espírito torna muito mais potente e efetiva a erradiação pela frente, pelo centro coronário.

CAPÍTULO V

QUALIDADES COMUNS AO MAGNETIZADOR E AO MEDIUM CURADOR.

Naturalmente, quando falamos em faculdade radiante, implicitamente, estamos falando em pureza e luz, sendo esta a qualidade daquela.

Quanto mais pura a fonte, mais pura a água que dela jorra. Esta é uma evidência relativa a qualquer fonte de que se fale, e, sendo assim, é a primeira condição que o magnetizador, de recursos próprios ou cedidos pelos Espíritos, deve ter em mente. Sua luta fundamental será sempre consigo mesmo, para aprimorar a pureza da sua fonte interior, para que dela jorre a energia mais pura e mais benéfica, e para que seu vaso mediúnicos não contamine as energias que recebe de um Espírito para transmiti-la a outrem.

Evidentemente, estamos num estágio evolutivo que não nos permite uma situação espiritual ideal, para o exercício de nossas faculdades radiantes. Nestas condições o que iremos conseguir, naturalmente, está condicionado ao nosso estágio evolutivo, à nossa capacidade de amar, de irradiar esse amor transformado em energia a se nos desprender do Espírito.

Mas sempre teremos a responsabilidade de nos aprimorarmos dia por dia, tanto no sentido de evolução

íntima como no sentido da irradiação de energia. Claro que Deus, nosso Pai, e os Espíritos que o representam, compreendem as nossas dificuldades naturais; o que não será fácil de compreender é como um trabalhador consciente das suas tarefas, estimulado pelo exercício da caridade e pelo apoio de seus Guias Espirituais, possa deixar de se esforçar para melhorar cada vez mais, uma vez que o maior beneficiado desse esforço será sempre ele mesmo.

Mente limpa e serena irradia luz pura, mas mente carregada de remorsos, de culpas e das inquietações puramente humanas, não será capaz de irradiar nada de bom. Isto não quer dizer que precisamos alcançar a angelitude para irradiarmos energias boas; quer dizer que, pelo menos, teremos que nos preparar convenientemente antes de nos colocarmos em serviço de magnetização. E como? Procurando, através da oração, serenar a mente e afastar dela, no momento, toda inquietação, todo sentimento inferior que possa estar presente, a fim de que possamos irradiar energias boas. Cumpre notar que os nossos erros passados só prejudicam a nossa faculdade radiante quando os desenterramos e trazemos para a memória consciente, em forma de culpa, de remorso, que são sentimentos altamente negativos, e, conseqüentemente, prejudicam a nossa *fonte* de irradiação, ou o nosso *vaso* mediúnicos.

Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Allan Kardec (1), numa síntese muito feliz, define e enumera todos os predicados que caracterizam o que chama *O homem de bem*, e como esta bela página é um roteiro muito claro e justo, que pode orientar a luta consigo mesmo, passamos a transcrevê-la na íntegra:

“3. O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade em sua maior pureza. Se interroga a consciência sobre seus próprios atos, per-

(1) Cap. XVII, pág. 221, ed. IDE.

gunta a si mesmo se não violou essa lei; se não fez o mal e se fez todo o bem *que podia*; se negligenciou voluntariamente uma ocasião de ser útil; se ninguém tem o que reclamar dele; enfim, se fez a outrem tudo o que queria que se fizesse para com ele.

“Tem fé em Deus, em sua bondade, em sua justiça e em sua sabedoria; sabe que nada ocorre sem sua permissão e se submete, em todas as coisas, à sua vontade.

“Tem fé no futuro; por isso, coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.

“Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções, são provas ou expiações, e as aceita sem murmurar.

“O homem, possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperança de recompensa, retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte, e sacrifica sempre seu interesse à justiça.

“Encontra satisfação nos benefícios que derrama, nos serviços que presta, nos felizes que faz, nas lágrimas que seca, nas consolações que dá aos aflitos. Seu primeiro movimento é de pensar nos outros antes de pensar em si, de procurar o interesse dos outros antes do seu próprio. O egoísta, ao contrário, calcula os lucros e as perdas de toda ação generosa.

“Ele é bom, humano e benevolente para com todos, sem preferência de *raças nem de crenças*, porque vê irmãos em todos os homens.

“Respeita nos outros todas as convicções sinceras, e não lança o anátema àqueles que não pensam como ele.

“Em todas as circunstâncias, a caridade é o seu guia; diz a si mesmo que aquele que leva prejuízo a outrem por

palavras malévolas, que fere a suscetibilidade de alguém por seu orgulho e seu desdém, que não recua à idéia de causar uma inquietação, uma contrariedade, ainda que leve, quando pode evitá-lo, falta ao dever de amor ao próximo, e não merece a clemência do Senhor.

“Não tem ódio nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas, e não se lembra senão dos benefícios; porque sabe que lhe será perdoado como ele próprio houver perdoado.

“É indulgente para com as fraquezas alheias, porque sabe que ele mesmo tem necessidade de indulgência, e se lembra destas palavras do Cristo: aquele que está sem pecado lhe atire a primeira pedra.

“Não se compraz em procurar os defeitos alheios, nem em colocá-los em evidência. Se a necessidade a isso o obriga, procura sempre o bem que pode atenuar o mal.

“Estuda suas próprias imperfeições e trabalha, sem cessar, em combatê-las. Todos os seus esforços tendem a poder dizer a si mesmo no dia de amanhã, que há nele alguma coisa de melhor do que na véspera.

“Não procura valorizar nem seu espírito, nem seus talentos às expensas de outrem; aproveita, ao contrário, todas as ocasiões para ressaltar as vantagens dos outros.

“Não se envaidece nem com a fortuna, nem com as vantagens pessoais, porque sabe que tudo o que lhe foi dado, pode lhe ser retirado.

“Usa, mas não abusa, dos bens que lhe são concedidos, porque sabe que é um depósito do qual deverá prestar contas, e que o emprego, o mais prejudicial para si mesmo, é de fazê-los servir à satisfação de suas paixões.

“Se a ordem social colocou homens sob sua dependência, ele os trata com bondade e benevolência, porque

são seus iguais perante Deus; usa de sua autoridade para erguer-lhes o moral e não para os esmagar com o seu orgulho; evita tudo o que poderia tornar sua posição subalterna mais penosa.

“O subordinado, por suavidade, compreende os deveres da sua posição, e tem o escrúpulo em cumpri-los conscienciosamente. (Cap. XVII, nº 9).

“O homem de bem, enfim, respeita em seus semelhantes todos os direitos dados pelas leis da Natureza, como gostaria que os seus fossem respeitados.

“Esta não é a enumeração de todas as qualidades que distinguem o homem de bem, mas todo aquele que se esforce por possuí-las, está no caminho que conduz a todas as outras.”

Como se vê é um excelente programa de reforma interior, escrito com tanta clareza que a gente não poderá deixar de pensar em levá-lo a sério. Vai ser difícil? Vai, mas não há outro caminho para quem deseje levar vida responsável e inscrever-se nas fileiras dos trabalhadores do Bem.

Quando cada um de nós puder ler esta bela página sem qualquer picada no coração e na consciência, por lhe ser fiel observador e, assim, verdadeiro *homem de bem*, poderá estar certo de que suas faculdades radiantes, além de brilharem como um verdadeiro sol de pureza, fará com que suas energias, *suas vibrações*, atravessem o espaço até os confins do Infinito, onde queira levar o seu amor e a sua vontade de ajudar.

No livro *Missionários da Luz*, 23ª edição, FEB, página 320, assim nos transmite André Luiz as orientações do instrutor Alexandre, quanto a este assunto, que transcrevemos na íntegra:

“Aqueles nossos amigos são técnicos em auxílio magnético que comparecem aqui para a dispensação de

passes de socorro. Trata-se dum departamento delicado de nossas tarefas, que exige muito critério e responsabilidade.

“Esses trabalhadores – interroguei – apresentam requisitos especiais?

“– Sim – explicou o mentor amigo –, na execução da tarefa que lhes está subordinada, não basta a boa vontade, como acontece em outros setores de nossa atuação. Precisam revelar determinadas qualidades de ordem superior e certos conhecimentos especializados. O servidor do bem, mesmo desencarnado, não pode satisfazer um semelhante serviço, se ainda não conseguiu manter um padrão superior de elevação mental contínua, condição indispensável à exteriorização das faculdades radiantes. O missionário do auxílio magnético, na Crosta ou aqui na nossa esfera, necessita ter grande domínio sobre si mesmo, espontâneo equilíbrio de sentimentos, acendrado amor aos semelhantes, alta compreensão da vida, fé vigorosa e profunda confiança no Poder Divino. Cumpre-me acentuar, todavia, que semelhantes requisitos, em nosso plano, constituem exigências a que não se pode fugir, quando, na esfera carnal, a boa vontade sincera, em muitos casos, pode suprir essa ou aquela deficiência, o que se justifica, em virtude da assistência prestada pelos benfeitores de nossos círculos de ação ao servidor humano, ainda incompleto no terreno das qualidades desejáveis.” (...)

“– Os amigos encarnados – perguntei –, de modo geral, poderiam colaborar em semelhantes atividades de auxílio magnético?

“– Todos, com maior ou menor intensidade, poderão prestar concurso fraterno, nesse sentido – respondeu o orientador –, porquanto, revelada a disposição fiel de cooperar a serviço do próximo, por esse ou aquele trabalhador, as autoridades de nosso meio designam entidades sábias

e benevolentes que orientam, indiretamente, o neófito, utilizando-lhe a boa vontade e enriquecendo-lhe o próprio valor. São muito raros, porém, os companheiros que demonstram a vocação de servir espontaneamente. Muitos, não obstante bondosos e sinceros nas suas convicções, aguardam a mediunidade curadora, como se ela fosse um acontecimento miraculoso em suas vidas e não um serviço do bem, que pede do candidato o esforço laborioso do começo. Claro que, referindo-nos aos irmãos encarnados, não podemos exigir a cooperação de ninguém, no setor de nossos trabalhos normais; entretanto, se algum deles vem ao nosso encontro, solicitando admissão às tarefas do auxílio, logicamente receberá nossa melhor orientação, no campo da espiritualidade.”

Como dissemos, não é preciso que aguardemos a angelitude para auxiliar nosso semelhante no socorro magnético. Note-se que o Autor esclarece que a oportunidade está aberta a todos os encarnados que tenham boa vontade. Interrompemos a transcrição justamente para que o leitor anote as observações nesse sentido e não se sinta excluído do quadro de trabalhadores do auxílio magnético. Prossigamos na lição que nos chegou do Mundo Maior:

“– Ainda mesmo que o operário humano revele valores muito reduzidos, pode ser mobilizado? – interroguiei, curioso.

“– Perfeitamente – aduziu Alexandre, atencioso. – Desde que o interesse dele nas aquisições sagradas do bem seja mantido acima de qualquer preocupação transitória, deve esperar incessante progresso das faculdades radiantes, não só pelo próprio esforço, senão também pelo concurso do Mais Alto, de que se faz merecedor.”

Vemos, pois, que o trabalho de irradiação magnética está aberto a todos os nossos irmãos que tenham a fiel disposição de cooperar a serviço do próximo.

CAPÍTULO VI

O PASSE, SEUS FUNDAMENTOS.

Como procuramos demonstrar, até aqui, o ser humano é de natureza eletromagnética, possuidor de um potencial magnético que é capaz de irradiar; que o faz naturalmente em sua vida ativa, mas que pode assumir uma transmissão mais objetiva e efetiva quando quer, quando sente vontade de irradiar essa energia.

Até este momento, falamos de radiação, irradiação, que são os termos apropriados para a faculdade de que tratamos.

Agora vamos falar do *passé*, essa prática costumeira em nossos Centros Espíritas, que consiste no socorro magnético a que vimos nos referindo, e ao que se referiu André Luiz nos apontamentos que transcrevemos no capítulo anterior.

O que vem a ser o *passé*? Ao que se deduz de tudo o que foi dito, e do próprio ato em si, podemos dizer que o *passé* é a ação ou esforço de transmitir, para um outro indivíduo, energias magnéticas, próprias ou de um Espírito, a fim de socorrer-lhe a carência física e, ou mental, que decorre da falta dessa energia.

Como ocorre essa carência, como podemos determiná-la e de que forma ela é suprida pelo passe? Tais são as questões que nos propomos debater neste capítulo.

Quando o indivíduo entra num processo emocional negativo, quando uma preocupação qualquer se apossa dele, e perdura por tempo mais ou menos longo, esse estado negativo impede-o de haurir, no meio ambiente, na Natureza, o fluido cósmico de que falamos e, assim sendo, a energia consumida pelo funcionamento de seu organismo não é repostada, o que vai ocasionando-lhe uma carência sempre crescente, ou seja, vai diminuindo a quantidade de sua energia vital.

Em consequência desse estado de esgotamento, os órgãos ou partes do corpo que estejam prejudicados por algum processo de desequilíbrio podem ter esse processo acelerado e aparecer uma doença, que estava latente. Costuma-se dizer que, pela observação dos fatos, o câncer, por exemplo, aparece geralmente depois de uma depressão profunda e prolongada.

Há no livro *Missionários da Luz*, página 329, uma frase que resume magistralmente esse processo de desequilíbrio que desemboca na doença:

•— *“Observou? – disse ele, bondosamente – toda perturbação mental é ascendente de graves processos patológicos. Afligir a mente é alterar as funções do corpo. Por isso, qualquer inquietação íntima chama-se desarmonia e as perturbações orgânicas chamam-se enfermidades.”*

Falamos acima do caso de um processo depressivo prolongado, que é de muita gravidade, mas isto não quer dizer que não hajam os pequenos, ou inicialmente pequenos, processos de desequilíbrio e que, com sua persistência e o decorrer do tempo, vão se transformar em processos de graves consequências.

Ainda no mesmo livro acima citado, página 328, vamos encontrar o seguinte e esclarecedor diálogo:

“Postávamo-nos, agora, ao lado de um cavalheiro idoso, para cujo organismo Anacleto me reclamou atenção.

“Analisei-o acuradamente. Com assombro, notei-lhe o fígado profundamente alterado. Outra nuvem, igualmente muito escura, cobria grande parte do órgão, igualmente a estranhos desequilíbrios. Toda a vesícula biliar permanecia atingida. E via-se com nitidez que os reflexos negros daquela pequena porção de matéria tóxica alcançavam o duodeno e o pâncreas, modificando o processo digestivo. Alguns minutos de obsevação silenciosa davam-me a conhecer a extrema perturbação de que o órgão da bile se fazia objeto. As células hepáticas pareciam presas de perigosas vibrações.

“Enderecei ao amigo espiritual meu olhar de admiração.

“– Observou? – disse ele, bondosamente – toda perturbação mental é ascendente de graves estados patológicos. Afligir a mente é alterar as funções do corpo. Por isso, qualquer inquietação íntima chama-se desarmonia e as perturbações orgânicas chamam-se enfermidades.

“Colocou a destra amiga sobre a fronte do cavalheiro e acrescentou:

“– Este irmão, portador dum temperamento muito vivo, está cheio de valores positivos da personalidade humana. Tem atravessado inúmeras experiências em lutas passadas e aprendeu a dominar as coisas e as situações com invejável energia. Agora, porém, está aprendendo a dominar a si mesmo, a conquistar-se para a iluminação interior. Em semelhante tarefa, contudo, experimeta choques de vulto, porquanto, dentro de sua individualidade dominadora, é compelido a destruir várias concepções que

se lhe figuravam preciosas e sagradas. Nesse empenho, os próprios ensinamentos do Cristo, que lhe serve de modelo à renovação, doem-lhe no íntimo como marteladas, em certas circunstâncias. Este homem, no entanto, é sincero e deseja, de fato, reformar-se. Mas sofre intensamente, porque é obrigado a ausentar-se de seu campo exclusivo, a caminho do vasto território da compreensão geral. No círculo dos conflitos dessa natureza, vem lutando, desde ontem, dentro de si mesmo, para acomodar-se a certas imposições de origem humana que lhe são necessárias ao aprendizado espiritual, e, no esforço mental gigantesco, ele mesmo produziu pensamentos terríveis e destruidores que segregaram matéria venenosa, *imediatamente atraída para o seu ponto orgânico mais frágil, que é o fígado*. (Grifo nosso.) Ele, porém, está em prece regeneradora e facilitará nosso serviço de socorro, pela emissão de energias benéficas. Não fosse a oração, que lhe renova as forças reparadoras, e não fosse o socorro imediato de nossa esfera, poderia ser vítima de doenças mortais do corpo. A permanência de matéria tóxica, indefinidamente, na intimidade desse órgão de importância vital, determinaria movimentos destruidores para os glóbulos vermelhos do sangue, complicaria as ações combinadas da digestão e perturbaria, de modo fatal, o metabolismo das proteínas.

“Anacleto fez uma pausa mais longa, sorriu cordialmente e acentuou:

“– Isto, porém, não acontecerá. Na luta titânica em que se empenha consigo mesmo, a vontade firme de acertar é a sua âncora de salvação.”

Temos aqui, descrito com riqueza de detalhes o processo de nosso auto-aniquilamento em virtude de nossa invigilância mental, quando geramos pensamentos destruidores de nosso próprio ser estimulados pela revolta, pela tristeza, pelo desânimo e, especialmente, pelo ódio, inveja

e ciúme, esse trio aniquilador, capaz de destruir-nos e destruir aqueles a quem os dirigimos.

Quem poderá imaginar a matéria mental destruidora gerada pelo sentimento de culpa, enevoando um coração que errou e toma consciência de seu erro? Ou do remorso que afoga a nossa alma no oceano do desespero e da angústia? E a sua ação destruidora sobre o nosso organismo perispiritual e sobre o nosso corpo físico?

Um dia, e esse dia, mercê de Deus, e com a luta da Doutrina Espírita para conscientizar o homem acerca de sua natureza espiritual eterna, não está longe a ciência do mundo procurará as causas de todas as nossas doenças na intimidade de nossa alma, e receitará aquisição de virtudes e preces de coração para curar os doentes.

Falamos até agora da desarmonia íntima gerando o desequilíbrio do corpo e a doença.

No entanto, não podemos nos esquecer que somos seres suscetíveis de recebermos as emissões mentais das pessoas e do ambiente que nos cercam. E o que acontece quando recebemos essa carga magnética negativa, penetrando em nosso ser e influenciando sobre nós?

Só a origem muda, o processo é o mesmo. É o que se depreende nos esclarecimentos que encontramos no já citado livro, à página 325, a saber:

“– Vejamos esta irmã – exclamou Anacleto, prontificando-se ao auxílio afetuoso –, observe-lhe o coração e, principalmente, a válvula mitral.

“Detive-me em acurado exame da região mencionada e, efetivamente, descobri a existência de tenuíssima nuvem negra, que cobria grande extensão da zona indicada, interessando ainda à válvula aórtica e lançando filamentos

quase imperceptíveis sobre o nódulo sino-auricular. Expus ao novo amigo minhas observações, ao que me respondeu:

“– Assim como o corpo físico pode ingerir alimentos venenosos que lhe intoxicam os tecidos, também o organismo perispiritual pode absorver elementos de degradação que lhe corroem os centros de força, com reflexos sobre as células materiais. Se a mente da criatura encarnada ainda não atingiu a disciplina das emoções, se alimenta paixões que a desarmonizam com a realidade, pode, a qualquer momento, intoxicar-se com as emissões mentais daqueles com quem convive e que se encontrem no mesmo estado de desequilíbrio. Às vezes, semelhantes absorções constituem simples fenômenos sem importância; todavia, em muitos casos, são suscetíveis de ocasionar perigosos desastres orgânicos. Isto acontece, mormente quando os interessados não têm vida de oração, cuja influência benéfica possa anular inúmeros males.

“Indicou o coração de carne da irmã presente e continuou:

“– Esta amiga, na manhã de hoje, teve sérios atritos com o esposo, entrando em grave posição de desarmonia íntima. A pequena nuvem que lhe cerca o órgão vital representa matéria mental fulminatória. A permanência de semelhantes resíduos no coração pode ocasionar-lhe perigosa enfermidade. Atendamos ao caso.”

Temos, pois, no exemplo que transcrevemos, a desarmonia vinda de fora, adquirida no próprio recesso do lar, em desavisada disputa verbal entre o casal. Pode-se supor que seja um caso corriqueiro, porque são corriqueiras as desavenças entre marido e mulher, no estágio evolutivo que caminhamos, em que as nossas imperfeições são muito acentuadas, principalmente aquelas atreladas ao orgulho e ao egoísmo, que ainda falam alto em nosso estado de animalidade, ou de espiritualização iniciante.

Vejamos, em outro exemplo que retiramos do mesmo capítulo – Passes – do mencionado livro, um tipo de desarmonia íntima, agravada pela absorção de desarmonia externa, gerada em situação de extrema responsabilidade, qual seja a da maternidade, quando a mulher carrega dentro de si outra vida desabrochando, e o seu ser, como é natural, influi de modo decisivo na integridade do outro ser.

“Mais alguns minutos e nos encontramos diante de uma senhora grávida, em sérias condições de enfraquecimento.

“Anacleto deteve-se mais respeitoso.

“– Aqui – disse ele, sensibilizado – temos uma irmã altamente necessitada de nossos recursos fluídicos. Profunda anemia invade-lhe o organismo. Em regime de subalimentação, em virtude das dificuldades naturais que a rodeiam de longo tempo, a gravidez constitui para ela um processo francamente doloroso. O marido é parcamente remunerado e a esposa é obrigada a vigílias, noite a dentro, a fim de auxiliá-lo na manutenção do lar. A prece, porém, não representa para este coração materno tão-somente um refúgio. A par de consolações espontâneas, *ela recolhe forças magnéticas de substancial expressão* que a sustentam no presente drama biológico. (O grifo é nosso.)

“Em seguida indicou a região do útero e ponderou:

“– Observe as manchas escuras que cercam a organização fetal.

“Efetivamente, aderindo ao saco de líquido amniótico, viam-se microscópicas nuvens pardacentas vagueando em várias direções, dentro do sublime laboratório de forças geradoras.

“Dando-me a perceber seu fundo conhecimento da situação, Anacleto continuou:

“ – Se as manchas atravessarem o líquido, provocarão dolorosos processos patológicos em toda a zona do epiblasto. E o fim da luta será o aborto inevitável.

“Comovidíssimo, contemplei o quadro divino daquela mãe sacrificada, unida à organização espiritual daquele que lhe seria o filho no porvir. Foi o chefe da assistência magnética que me arrebatou daquela silenciosa admiração, explicando:

“ – Não obstante a fé que lhe exorna o caráter, apesar dos seus mais elevados sentimentos, nossa amiga não consegue furtar-se, de todo, à tristeza angustiosa, em certas circunstâncias. Há seis dias permanece desalentada, aflita. Dentro de algum tempo, o esposo deve resgatar um débito significativo, faltando-lhe, porém, os recursos precisos. A pobre senhora, contudo, além de suportar a carga de pensamentos destruidores que vem produzindo, é compelida a absorver as emissões de matéria mental doentia do companheiro, que se apóia na coragem e na resignação da mulher. As vibrações dissolventes acumuladas *são atraídas para a região orgânica* (grifamos), *em condições anormais* e, por isso, vemo-las congregadas como pequeninas nuvens em torno do órgão gerador, ameaçando não só a saúde maternal, mas também o desenvolvimento do feto.”

No primeiro exemplo temos o caso da geração de forças negativas criadas pelo próprio ser em sua intimidade; no segundo caso, vemos essa desarmonia sendo provocada por emissões mentais perturbadoras vindas de fora, do exterior, e, no terceiro caso, finalmente, temos o exemplo das duas formas de perturbações gerando matéria deletéria, capaz de provocar a doença e mesmo a desencarnação.

Cumpre salientar que nada mais são que casos comuns do dia-a-dia das pessoas, sem nada de especial

que possa aumentar-lhes o risco ou a gravidade. Situações às quais todos estamos sujeitos e que podem ser consideradas como as de pouca gravidade. Fazemos esta observação, muito justa aliás, para que possa se depreender do resultado deletério das situações mais graves que põem em jogo a nossa integridade e a de nossos semelhantes, que tenham relação com os problemas angustiantes.

Cumprе, todavia, notar que, nestes casos como em outros semelhantes, ninguém conseguirá passar, para o nosso mundo íntimo, qualquer desarmonia sem que estejamos em *sintonia* com o desequilíbrio da pessoa. Nos dois casos acima citados, havia essa sintonia e, assim, era muito natural que um indivíduo afetasse o outro.

Outro ponto que cumpre esclarecer a fim de não sobrecarregar o leitor com preocupações desnecessárias, é o mecanismo que gera a perturbação. Quando interiorizamos uma emissão mental negativa, isto é, quando a captamos e deixamos que se ajuste em nosso organismo, essa *carga magnética* pode encontrar resistência no nosso potencial magnético e ser consumida por ele, sem maiores conseqüências, como quando uma lâmpada incandescente pode absorver alguns volts a mais da variação da tensão da rede sem danificar-se. No entanto, se não dispusermos de uma *reserva* de energia, ela irá manter-se ativa, procurando, como vimos, a região mais fraca do organismo para ali se instalar e passar a consumir energia da região em que se encontra, dos órgãos que estiverem mais enfraquecidos, agravando, pois, esse enfraquecimento e, na seqüência, produzindo a doença no corpo, no órgão de carne sobre o qual está atuando.

Outro ponto que nos parece importante considerar é se essa perturbação, que se evidencia numa espécie de *matéria* deletéria, vai se alojar no corpo físico ou no perispírito, ou corpo espiritual. Pelos caminhos da lógica, que nos diz

ser a matéria mental de natureza intermediária entre o físico e o espiritual, poderemos entender que, sendo o perispírito um *laço* que une o espírito ao corpo, sendo, assim, também intermediário, a *perturbação* se situa no perispírito, passando a influir sobre o corpo físico, onde poderá gerar uma doença. Aliás, é o que nos ensina Allan Kardec, em *A Gênese*, ed. IDE, pág. 249:

“Sendo o perispírito dos encarnados de uma natureza idêntica à dos fluidos espirituais, assimila-os com facilidade, como uma esponja se embebe de líquido. Estes fluidos têm, sobre o perispírito, uma ação tanto mais direta que, por sua expansão e sua irradiação, se confunde com eles.

“Estes fluidos agindo sobre o perispírito, este, por sua vez, reage sobre o organismo material, com o qual está em contato molecular. Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo sente-lhes uma impressão salutar; se são maus, a impressão é penosa; se os maus são permanentes e enérgicos eles podem determinar desordens físicas: certas doenças não têm outra causa.” (*Idem*, pág. 249.)

Como ocorre a carência? Foi a questão que nos propusemos debater em primeiro lugar, e cremos que, com as considerações acima, embora sem lhes dar um cunho científico, que não é o nosso escopo, esta questão ficou resolvida, pelo menos para se ter uma idéia da coisa.

É caso, então, de passarmos a considerar a segunda indagação, qual seja: *como podemos determiná-la?* Aqui já se trata de fazer um *diagnóstico*. A nossa organização está estruturada de modo a sinalizar, quando é preciso, as situações de socorro para que providenciemos os remédios adequados: as dores locais ou generalizadas, o mau funcionamento dos órgãos, as inchações, as erupções epidérmicas, entre outros, são sinais de que alguma coisa anormal está ocorrendo com o nosso organismo e, diante desses alertas, costumamos procurar o médico. Naturalmen-

te, vamos continuar fazendo assim e, quando tivermos um diagnóstico seguro, ao lado do tratamento médico, poderemos pensar no socorro magnético, na forma de administrá-lo, onde e como recebê-lo.

Vamos aproveitar a experiência dos fatos acima transcritos e ver como os Espíritos resolveram aquelas situações descritas para, depois, tirarmos as nossas ilações sobre o assunto, calcados sobre essas informações.

Referimo-nos ao primeiro caso exposto, o do cavalheiro que tinha a região hepática sob pressão de uma nuvem muito escura, resultante de uma desarmonia que gerou em sua luta de auto-aperfeiçoamento, por não se conformar com a realidade. Eis como foi socorrido e aliviado:

“Anacleto continuou de pé e aplicou-lhe um passe longitudinal sobre a cabeça, partindo do contato simples e descendo a mão, vagarosamente, até a região do fígado, que o auxiliador tocava com a extremidade dos dedos irradiantes, repetindo-se a operação por alguns minutos. Surpreendido, observei que a nuvem, de escura, se fizera opaca, desfazendo-se, pouco a pouco, sob o influxo vigoroso do magnetizador em missão de auxílio.

“O fígado voltou à normalidade plena.”

Aqui podemos observar que o magnetizador partiu da sede da energia - a cabeça -, e, acompanhando o fluxo até o fígado em dificuldade, ali operava magneticamente sobre a região afetada, dissolvendo a matéria negativa.

No segundo caso considerado – o da mulher que se desentendeu com o esposo e gerou uma nuvem negativa que lhe cercava o coração –, eis como o Espírito se comportou:

“Sempre sob minha observação, Anacleto assumiu nova atitude, dando-me a entender que ia favorecer suas

expansões irradiantes e, em seguida, começou a atuar por imposição. Colocou a mão direita sobre o epigastro da paciente, na zona inferior do esterno e, com surpresa, notei que a destra, assim disposta, emitia sublimes jatos de luz que se dirigiam ao coração da senhora enferma, observando-se nitidamente que os raios de luminosa vitalidade eram impulsionados pela força inteligente e consciente do emissor. Assediada pelos princípios magnéticos, postos em ação, a reduzida porção de matéria negra, que envolvia a válvula mitral, deslocou-se vagarosamente e, como se fora atraída pela vontade vigorosa de Anacleto, veio aos tecidos da superfície, espreado-se sob a mão irradiante, ao longo da epiderme. Foi então que o magnetizador espiritual iniciou o serviço mais ativo do passe, alijando a maligna influência. Fez o contato duplo sobre o epigastro, erguendo ambas as mãos e descendo-as, logo após, morosamente, através dos quadris até os joelhos, repetindo o contato na região mencionada e prosseguindo nas mesmas operações diversas vezes. Em poucos instantes, o organismo da enferma voltou à normalidade.”

Vê-se, pois, que neste caso o magnetizador, impondo suas mãos sobre o local afetado, atraiu para fora a substância malsã, que dissolveu sob as mãos, passando depois, através de passe longitudinal, a abastecer a região com o seu fluido magnético cedido na operação caritativa.

Finalmente, no socorro à senhora grávida, eis como operou o dedicado magnetizador espiritual:

“Estupefato, ante os novos ensinamentos, reparei que Anacleto chamou um dos auxiliares, recomendando-lhe alguma coisa.

“Logo após, muito cuidadosamente, atuou por imposição das mãos sobre a cabeça da enferma, como se quisesse aliviar-lhe a mente. Em seguida, aplicou passes

rotatórios na região uterina. Vi que as manchas microscópicas se reuniam, congregando-se numa só, formando pequeno corpo escuro. Sob o influxo magnético do auxiliador, a reduzida bola fluídico-pardacenta transferiu-se para o interior da bexiga urinária.

“Intensificando-me a admiração, o novo companheiro, dando os passes por terminados, esclareceu:

– Não convém dilatar a colaboração magnética para retirar a matéria tóxica de uma vez. Lançada no excretor de urina, será alijada facilmente, dispensando a carga de outras operações.

“Foi então que se aproximou de Anacleto o servidor a quem me referi, trazendo-lhe uma pequenina ânfora que me pareceu conter essências preciosas.

“O orientador do serviço tomou-a, zeloso, e falou:

– Agora é preciso socorrer a organização fetal. A alimentação da genitora, por força de circunstâncias que independem de sua vontade, tem sido insuficiente.

“Anacleto retirou do vaso certa porção de substância luminosa, projetando-a nas vilosidades uterinas, enriquecendo o sangue materno destinado a fornecer oxigênio ao embrião.”

Vemos que, em três casos, tivemos três soluções diferentes quanto ao modo de aplicação da energia magnética, alcançando-se, porém, sempre o fim desejado, qual seja o de restabelecer a harmonia orgânica.

Em capítulo adiante, quando trataremos da aplicação do passe, vamos discutir mais longamente essa parte essencial, a da efetivação do recurso, procurando aproveitar os exemplos que se encontram na literatura espírita.

Tendo em vista a gravidade realçada para casos tão corriqueiros de desarmonia interior, pode ficar na cabeça do leitor o medo de se intoxicar com tais matérias deletérias, sem que sejam identificadas prontamente o que, naturalmente, não provocaria a procura do socorro e poderia evoluir para extremos perigosos e mesmo fatais, como acentua o Autor mencionado.

Pelos ensinamentos dos Espíritos, sabemos que nenhum de nós está longe da atenção afetuosa de Deus, nosso Pai, de Jesus e de seus mensageiros de amor. Mas, como funciona a assistência oculta da Misericórdia Divina, que socorre o necessitado?

É o que vamos saber, seguindo as informações contidas no mesmo capítulo que vimos transcrevendo, a saber:

“Eu estava admirado. E como o assunto envolvia problemas espirituais de elevada significação, assim que o instrutor terminou o trabalho, indaguei:

“– Perdoe-me a pergunta, mas, na hipótese de não se socorrer esta irmã, da colaboração de uma casa espiritista, como se haveria com a doença oculta? Estaria ao abandono?

“– De modo algum – respondeu Anacleto, sorrindo. – Há verdadeiras legiões de trabalhadores de nossa especialidade amparando as criaturas que, através de elevadas aspirações, procuram o caminho certo nas instituições religiosas de todos os matizes. A manifestação da fé não se limita a simples afirmação mecânica de confiança. O homem que vive mentalmente, visceralmente, a religião que lhe ensina a senda do bem, está em atividade intensa e renovadora, recebendo, por isto mesmo, as mais fortes contribuições do amparo espiritual, porquanto abre a porta viva da alma para o socorro de Mais Alto, através da oração e da posição ativa de confiança no Poder Divino.

“O novo companheiro indicou a irmã que se libertara da desastrosa influência e esclareceu, depois de uma pausa:

“– Nossa amiga está procurando a verdade, cheia de sincera confiança em Jesus. Ovelha fustigada pela tempestade do mundo e inexperiente na esfera do conhecimento, volta-se para o Divino Pastor, como a criança frágil, sequiosa de carinho materno. Estivesse orando numa igreja católica romana ou num templo budista, receberia o socorro de nossa Esfera, por intermédio desse ou daquele grupo de trabalhadores do Cristo. Naturalmente aqui, no seio de uma organização indene das sombras do preconceito e do dogmatismo, nosso concurso fraternal pode ser mais eficiente, mais puro, e suas possibilidades de aproveitamento são muito mais vastas. É preciso assinalar, porém, que os auxiliadores magnéticos transitam em toda parte, onde existam solicitações de fé sincera, distribuindo o socorro do Divino Mestre, dentro da melhor divisão de serviço. Onde vibre o sentimento sincero e elevado, aí se abre um caminho para a proteção de Deus.

“A elucidação fez-me grande bem pela revelação de imparcialidade na distribuição dos bens de nosso plano. Entretanto, outra pergunta ocorreu-me, de imediato:

“– Todavia, meu amigo – considere –, admitamos que esta nossa irmã fosse estranha a qualquer atividade de ordem espiritual. Imaginemo-la sem fé, sem filiação a qualquer escola religiosa e sem qualquer atestado de merecimento na prática da virtude. Ainda assim, receberia o benefício dos passes libertadores?

“Anacleto, com aquela bondade paciente que eu conhecia em Alexandre, observou:

“– Se fosse uma criatura de sentimentos retos, embo-

ra infensa à religião, em suas meditações naturais receberia auxílio, não obstante menor, pela sua incapacidade de recepção mais intensa das nossas energias radiantes; mas, se ficasse integralmente mergulhada nas sombras da ignorância ou da maldade, permaneceria distante da colaboração de ordem superior e as suas forças físicas sofreriam desgastes violentos e inevitáveis, pela continuidade da intoxicação mental. Quem se fecha às idéias regeneradoras, fugindo às leis da cooperação, experimentarás as conseqüências legítimas.”



Tratamos, até aqui, da assistência espiritual, da aplicação do passe pelos Espíritos, como solução para se debelar as perturbações dos indivíduos em razão de carência energética. Sabemos, no entanto, que a aplicação do passe pelos encarnados leva ao mesmo objetivo, como sabemos que, pela prece, podemos haurir energias que favorecem a nossa resistência interior, suprem as nossas deficiências e, assim, equilibram os nossos organismos, físico e espiritual.

CAPÍTULO VII

O PASSE, SEUS MECANISMOS E SUA APLICAÇÃO

Como consideramos anteriormente, a energia transmitida pelo passe atua no perispírito do paciente, e deste sobre o corpo físico.

O perispírito recebe a energia através de pontos determinados, que André Luiz chama de *centros de força* e certas escolas espiritualistas chamam de *chacras*.

Como se vê desde logo, por esse simples enunciado, antes que entremos em considerações maiores sobre os passes, é mister que tomemos conhecimento da estrutura energética do perispírito, de como ele se alimenta de energia e de como dispense essa mesma energia que lhe é própria.

Em seu livro *Entre a Terra e o Céu*, 14a. edição, FEB, página 126, encontramos a notícia seguinte referente aos centros de força do perispírito:

“– Como não desconhecem, o nosso corpo de matéria rarefeita está intimamente regido por sete centros de força, que se conjugam nas ramificações dos plexos e que, vibrando em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretriz da mente, estabelecem, para nosso uso, um *veículo*

de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético, no qual o pensamento vibra em circuito fechado.” (Grifamos.)

Mais adiante, página 127, assim localiza e define tais centros de força:

“Tal seja a viciação do pensamento, tal será a desarmonia no centro de força, que reage em nosso corpo a essa ou àquela classe de influxos mentais. (...) Analisando a fisiologia do perispírito, classifiquemos os seus centros de força, aproveitando a lembrança das regiões mais importantes do corpo terrestre. Temos, assim, por expressão máxima do veículo que nos serve presentemente, o “centro coronário” que, na Terra, é considerado pela filosofia hindu como sendo o lótus de mil pétalas, por ser o mais significativo em razão de seu alto potencial de radiações, de vez que nele assenta a ligação com a mente, fulgurante sede da consciência. Esse centro recebe em primeiro lugar os estímulos do espírito, comandando os demais, vibrando todavia com eles em justo regime de interdependência. Considerando em nossa exposição os fenômenos do corpo físico, e satisfazendo aos impositivos da simplicidade em nossas definições, devemos dizer que dele emanam as energias de sustentação do sistema nervoso e suas subdivisões, sendo o responsável pela alimentação das células do pensamento e provedor de todos os recursos eletromagnéticos indispensáveis à estabilidade orgânica. É, por isso, o grande assimilador das energias solares e dos raios da Espiritualidade Superior capazes de favorecer a sublimação da alma. Logo após, anotamos o “centro cerebral”, contíguo ao “centro coronário”, que ordena as concepções de variada espécie, percepções essas que, na vestimenta carnal, constituem a visão, a audição, o tato e a vasta rede de processos da inteligência que dizem respeito à Palavra, à Cultura, à Arte, ao Saber. É no “centro cerebral” que possuímos o comando do núcleo endocrínico, referente

aos poderes psíquicos. Em seguida, temos o “centro laríngeo”, que preside aos fenômenos vocais, inclusive às atividades do timo, da tireóide e das paratireóides. Logo após, identificamos o “centro cardíaco” que sustenta os serviços da emoção e do equilíbrio geral. Prossequindo em nossas observações, assinalamos o “centro esplênico” que, no corpo denso, está sediado no baço, regulando a distribuição e a circulação adequada dos recursos vitais em todos os escaninhos do veículo de que nos servimos. Continuando, identificamos o “centro gástrico”, que se responsabiliza pela penetração dos alimentos e fluidos em nossa organização e, por fim, temos o “centro genésico”, em que se localiza o santuário do sexo, como templo modelador de formas e estímulos.”

Convém trazer, para a apreciação de nossos leitores, alguns esclarecimentos acerca do perispírito, em sua natureza eletromagnética a que nos reportamos, a fim de que seja, a seu respeito, ampliada a noção de simples *laço* unindo o espírito ao corpo físico, a saber:

“Nossa posição mental determina o peso específico do nosso envoltório espiritual e, conseqüentemente, o “habitat” que lhe compete. Mero problema de padrão vibratório. Cada qual de nós respira em determinado tipo de onda. Quanto mais primitiva se revela a condição da mente, mais fraco é o influxo vibratório do pensamento, induzindo a compulsória aglutinação do ser às regiões da consciência embrionária ou torturada, onde se reúnem as vidas inferiores que lhe são afins. O crescimento do influxo mental, no veículo eletromagnético em que nos movemos, após abandonar o corpo terrestre, está na medida da experiência adquirida e arquivada em nosso próprio espírito. Atentos a semelhante realidade, é fácil compreender que sublimamos ou desequilibramos o delicado agente de nossas manifestações, conforme o tipo de pensamento que nos flui da vida íntima. Quanto mais nos avizinhamos da esfera

animal, maior é a condensação obscurecente de nossa organização, e quanto mais nos elevamos, ao preço de esforço próprio, no rumo das gloriosas construções do espírito, maior é a sutileza de nosso envoltório, que passa a combinar-se facilmente com a beleza, com a harmonia e com a luz reinantes na Criação Divina.”

“– Não podemos olvidar, porém, que o nosso veículo sutil, tanto quanto o corpo de carne, é criação mental no caminho evolutivo, tecido com recursos tomados transitatoriamente por nós mesmos aos celeiros do Universo, vaso de que nos utilizamos para ambientar em nossa individualidade eterna a divina luz da sublimação, com que nos cabe demandar as esferas do Espírito Puro. Tudo é trabalho da mente no espaço e no tempo, a valer-se de milhares de formas, a fim de purificar-se e santificar-se para a Glória Divina.”

Esses campos de força, localizados no perispírito, teriam a forma de pequenas rodas ou vórtices, para a captação e expulsão de energia, ou, querendo-se, diminutos discos giratórios, movimentando-se constantemente e afunilados para dentro, em forma de cone.

As figuras 11 e 12 mostram a sua localização correspondente no corpo humano, e é interessante memorizar essa localização a fim de facilitar a aplicação de energia por suas portas quando for caso.

Estabelecidas estas preliminares, vamos passar a considerar as condições da aplicação do passe e o modo de fazê-lo.

A pessoa que vai receber o passe deve ser perguntada sobre suas possíveis enfermidades, dores localizadas, etc. para que o passista tenha facilidade no movimentar as suas energias, dando-lhes direção certa e com a intensidade requerida. Deve ainda ser orientada no sentido

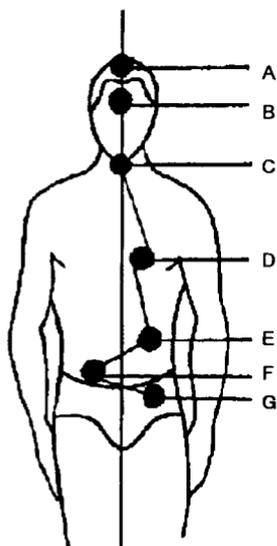


Figura 11

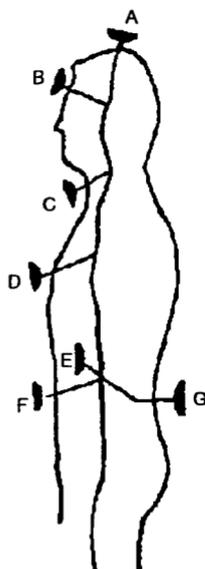


Figura 12

- A - Coronário
- B - Cerebral
- C - Laríngeo
- D - Cardíaco
- E - Esplênico
- F - Gástrico
- G - Genésico

de permanecer em prece, rogando ao Alto para que lhe seja prestado esse benefício, naquele momento,

Esta providência estabelecerá a sintonia mental do paciente com os Espíritos Superiores e com o passista que, na prática, é um intermediário na prestação do socorro.

Seria desejável que, no momento da aplicação do passe, outra pessoa fizesse uma prece em voz alta para melhorar a posição mental do aplicador e do paciente e, assim, facilitar a circulação das energias espirituais. Esta prece poderia, inclusive, acompanhar os passos dos movimentos do médium, quais sejam, por exemplo, rogando que fossem retirados os resíduos fluidicos negativos que costumam aderir ao perispírito das pessoas quando atacadas

por Espíritos maus; em seguida, que fosse auxiliada no sentido de harmonizar a sua aura, de que os pontos frágeis, e doentes, pudessem ser corrigidos pela transmissão fluídica, e, finalmente, que se derramasse sobre o paciente os eflúvios de saúde, de equilíbrio, de paz, que lhe restaurarem os organismos físico e espiritual.

Sabemos que quanto mais fé se tem na recepção de qualquer benefício de ordem espiritual, mais se recebe e com maior proveito, porque o organismo necessitado absorve com maior facilidade.

Nestas condições, podemos dizer que a sintonia mental do paciente, e o clima espiritual gerado pelas preces são dois fatores muito importantes para o sucesso do socorro magnético.

Outro ponto importante é o local da aplicação do passe, o seu isolamento do público, a sua quietude, e a natureza de sua utilização. Quando falamos em isolamento, falamos de local sem acesso ao público, reservado, íntimo, de modo que não haja barulho de espécie alguma a interferir na concentração das partes envolvidas. Demais disso, a utilização costumeira do local também é importante. Uma sala onde se cultiva o materialismo, por exemplo, mesmo estando de portas fechadas, e sem a sua utilização normal, parece não ser local adequado a um clima mental superior, capaz de nos garantir a presença dos bons Espíritos e a transmissão de energia.

Os cômodos de nossa casa, por exemplo, se nossa família é unida e tem fé, podem ser usados com sucesso, uma vez ou outra. Fazer sistematicamente passes em casa, trazendo pessoas perturbadas de fora, não é prática aconselhável, já porque podem influir no clima mental, já porque podem deixar ali Espíritos obsessores, tirados dos pacientes e que não foram conduzidos pelos Espíritos.

A propósito de se aplicarem passes em pessoas obsidiadas, vale aqui uma advertência muito séria. Devemos considerar os obsessores, regra geral, como inimigos da pessoa obsidiada. Assim, não podemos perder de vista que, quando nos dispomos a socorrer a vítima para mitigar os seus efeitos, ou desalojá-los do processo, estamos, como se diz vulgarmente, *comprando uma briga*, arranjando inimigos. Sim, porque é quase certo de que estes se voltarão contra o intruso que tenta lhes frustrar os objetivos inferiores.

O magnetizador, especialmente se for médium, não deve se arriscar a aplicar passes sozinho em pessoas obsidiadas. Não se sabe quais os interesses dos obsessores e o tamanho da força maléfica que detêm. O magnetizador precisaria não ter nenhum medo, estar muito seguro de si e, acima de tudo, sendo o mais importante, ter *ascendência moral* sobre os Espíritos para se impor. Não se trata de *ser enérgico*, mas de *superioridade moral real, efetiva*, que não pode ser confundida com *pretensão orgulhosa* para não sofrer um desastre, porque estaria perto de passar a ser obsidiado, de ser *invadido* pelos Espíritos, como se lê na transcrição adiante que retiramos da *Revista Espírita* de janeiro de 1863, página 7:

“A pergunta formulada da maneira seguinte é mais racional e mais séria, desde que se admita a existência e a ação dos Espíritos: *O exercício da mediunidade pode provocar no indivíduo invasão de maus Espíritos e suas conseqüências?*”

“Jamais dissimulamos os escolhos que se encontram na mediunidade, e foi porque multiplicamos as instruções, a esse respeito, em *O Livro dos Médiuns*, e não cessamos de recomendar o estudo preliminar antes de se entregar à prática; também, depois da publicação deste livro, o número de obsidiados diminuiu sensivelmente e notoriamente,

porque ele poupa uma experiência que os novatos não adquirem, freqüentemente, senão às suas custas. Dizemo-lo ainda, sim, sem experiência, a mediunidade tem inconvenientes dos quais o menor seria ser mistificado por Espíritos enganadores ou levianos; praticar o Espiritismo experimental sem estudo, é querer fazer manipulações químicas sem saber a química. (....)

“A presunção de se crer invulnerável contra os maus Espíritos foi mais de uma vez punida de modo cruel, porque não se os desafia impunemente pelo orgulho; o orgulho é a porta que lhes dá o acesso mais fácil, porque ninguém oferece menos resistência do que o orgulhoso quando tomado pelo seu lado fraco. Antes de se dirigir aos Espíritos, convém, pois, se armar contra o ataque dos maus, como quando se caminha sobre um terreno onde se teme a mordedura de serpentes. A isto chega-se primeiro pelo estudo preliminar que indica o caminho e as precauções a tomar, depois pela prece; mas é preciso bem se compenetrar da verdade que o *único* preservativo está em si, em sua própria força, e *jamaís* em coisas exteriores, e que não há nem talismãs, nem amuletos, nem palavras sacramentais, nem fórmulas sagradas ou profanas que possam ter a menor eficácia se não se possui em si as qualidades necessárias; são, pois, estas qualidades que é preciso se esforçar em adquirir.

“Se se estivesse bem compenetrado do objetivo essencial e sério do Espiritismo, se se preparasse sempre para o exercício da mediunidade por um apelo fervoroso ao seu anjo guardião e aos seus Espíritos protetores, se bem se estudasse a si mesmo esforçando-se por purificar suas imperfeições, os casos de obsessão mediúnica seriam ainda mais raros; infelizmente, nela não vêem senão o fato das manifestações; não contentes com as provas morais que pululam ao seu redor, eles querem a todo preço se

darem a satisfação de se comunicarem eles mesmos com os Espíritos, insistindo no desenvolvimento de uma faculdade que, freqüentemente, não existe neles, guiados nisso, o mais freqüentemente, pela curiosidade do que pelo desejo sincero de se melhorar.

“Disso resulta que, em lugar de se envolver de uma atmosfera fluídica salutar, de se cobrir com as asas protetoras de seus anjos guardiães, de procurar domar as suas fraquezas morais, abrem de par em par a porta aos Espíritos obsessores que talvez os tivessem atormentado de um outro modo e num outro tempo, mas que aproveitam a ocasião que se lhes oferece. Que dizer então daqueles que se fazem um divertimento das manifestações e nelas não vêem senão um assunto de distração ou de curiosidade, e que nelas não procuram senão os meios de satisfazerem sua ambição, sua cupidez e seus interesses materiais? É neste sentido que se pode dizer que o exercício da mediunidade pode provocar a invasão de maus Espíritos. Sim, é perigoso divertir-se com essas coisas.”

Não podemos, também, descuidar da acomodação do paciente. Deve estar comodamente sentado, ou deitado, de modo a poder relaxar seus nervos e músculos, facilitando, pelo seu desprendimento, o relacionamento entre as pessoas ligadas ao passe.

Será desejável haja, sempre, uma recomendação às pessoas que pretendem beneficiar-se do passe, para que procurem, durante o dia, se alimentar corretamente, com exclusão de carnes, temperos fortes e ingestão de bebidas alcoólicas, assim como manter o espírito o mais tranqüilo possível, com vistas à melhor recepção das energias irradiadas.

Na verdade, quanto melhor for o estado receptivo do paciente, maiores serão as chances de sucesso na transferência de energia.

CAPÍTULO VIII

O PASSE INDIVIDUAL

Quando dizemos *passé individual* queremos nos referir ao *passé* da pessoa por pessoa, pelo magnetizador.

Esta é a maneira mais comum do *passé*, que encontramos em todos os Centros Espíritas, embora nem todos eles apliquem o *passé* do mesmo modo, ou seguindo o mesmo sistema.

A primeira vez que entrei num Centro Espírita, e isso ocorreu em Uberlândia (MG), no ano de 1948, o *passé* era dado do seguinte modo: o Centro dispunha de mesa avantajada, de 5 a 6 metros, creio, ao redor da qual, sentados em cadeiras, permaneciam os pacientes; atrás deles, um para cada paciente, havia um magnetizador. Na cabeceira da mesa, uma pessoa, que no caso era o presidente do Centro, de pé, fazia uma prece, recomendando que todos os pacientes o acompanhassem; quando começava a prece, os magnetizadores iniciavam seu trabalho que se resumia em espalmar as duas mãos sobre a cabeça do paciente. Finda a prece terminava o *passé* e as pessoas se levantavam para darem lugar a outras que, sentadas nas cadeiras ao redor da mesa, aguardavam a renovação do processo, e assim por diante até que todos

fossem atendidos. A freqüência ao Centro era muito grande e, por isso, esse sistema rápido dava ensejo a que todos os presentes fossem atendidos.

De um modo geral, quando o Centro Espírita tem grande freqüência, a mesa é substituída por cadeiras dispostas uma ao lado da outra, numa sala onde todos os pacientes que o recinto comporta são admitidos de uma vez, num grupo, e aí, então, o coordenador dos passes, naquela sala, faz uma prece e os magnetizadores aplicam o passe individualmente, quer dizer, um paciente para cada magnetizador, e, quando termina o passe daquele grupo, este sai e entra um outro grupo e assim por diante até que todos sejam atendidos.

O que varia muito é o método de aplicação, a maneira pela qual o magnetizador atua e é aqui que está o X da questão.

O que se vê é que cada Centro Espírita segue determinada forma de aplicação, ou, dizendo melhor, segue uma *escola* determinada, a orientação de uma entidade de liderança, ou recebe cursos de pessoas ligadas àquelas idéias.

O fato é que se vêem gestos de todos os tipos na movimentação da mãos e dos braços do magnetizador. Alguns erguem as duas mãos em concha, ao iniciar o passe, na esperança de que os Espíritos coloquem em suas mãos montes do fluido que deverão aplicar e, na aplicação, é esse depósito que eles pretendem esparramar sobre o paciente. Na mesma linha de pensamento, pedem ao paciente que fique com as mãos abertas em concha sobre os joelhos para que ali seja depositado outro monte de fluido.

Pode ser que os Espíritos, para não perderem de todo a oportunidade de atender os pacientes que procuram

os Centros Espíritas, façam como estão querendo e atuem ao seu modo sobre o magnetizador aplicando, inclusive, a sua vontade para dirigir o fluxo do fluido pelos braços do auxiliar, porque se este não tem consciência do que está fazendo, no geral, está ali de muito boa vontade com a finalidade de servir, e é isso que conta acima de tudo. De modo que não vamos discutir aqui se esses tipos de passe são válidos ou não, esse não é nosso objetivo. Nossa finalidade é trazer alguns esclarecimentos que estão nos livros espíritas, a fim de que se tenha mais consciência do que se faz, do que ocorre realmente no passe.

Podemos, no entanto, afirmar que o magnetizador consciente do seu papel e do mecanismo do passe, da interação fluídica que ali se opera, e dirige, com a sua vontade, a corrente fluídica própria e a que recebe do Espírito, para alcançar os fins que se propõe, é muito mais eficiente do que, por exemplo, no caso acima em que ele está praticamente alheio ao processo, tendo em vista que o desconhece inteiramente.

Nos capítulos anteriores, procuramos estudar esse mecanismo e a forma de seu funcionamento, demonstrando que a movimentação dos fluidos, seja do magnetizador encarnado seja do Espírito que o usa como intermediário, está subordinada à sua consciência do processo e à sua vontade dirigindo a corrente fluídica.

No capítulo VI tivemos oportunidade de transcrever alguns esclarecimentos tirados do livro *Missionários da Luz*. Ali vimos que, em primeiro lugar, o Espírito tratou de retirar a perturbação, as concentrações de fluidos negativos que se alojaram nos pontos mais fracos das pessoas referidas para, só depois, restaurar a harmonia que havia sido quebrada.

Temos ali, pois, dois *tempos* do passe: o da limpeza e o da restauração.

No entanto, não nos esqueçamos de que se trata, naqueles casos, de magnetização feita diretamente por Espíritos sobre pessoas encarnadas, eles que atuam diretamente sobre o perispírito, usando os fluidos do próprio plano, ou seja, do mundo invisível, que tem *matéria* idêntica à do corpo espiritual.

Quando o magnetizador é Espírito encarnado, deve haver uma providência a mais no passe, desde que tem necessidade de alcançar o perispírito do paciente, justamente onde vai atuar a magnetização em primeiro lugar, para depois se refletir sobre o corpo físico.

Acreditamos que esse ponto de ligação magnética é justamente a aura da pessoa, o seu campo fluídico, ou magnético, que vai receber a corrente veiculada pela magnetização e permitir que ela influa sobre a economia global que se espelha na própria aura.

Em razão disso, diríamos que o passe deve ter pelo menos três tempos: o da limpeza, o do equilíbrio e fortalecimento da aura, e o da restauração da harmonia orgânica, aqui entendida quanto aos dois corpos, o material e o espiritual.

A nossa desarmonia íntima provoca uma alteração na aura, no ponto correspondente à situação do órgão ou região desarmoniosa. Assim é que a aura pode apresentar *pontos frágeis e doentes* que, com a intervenção magnética podem ser corrigidos. Por essas *falhas* em nossa aura é que os Espíritos malfazejos podem alcançar o

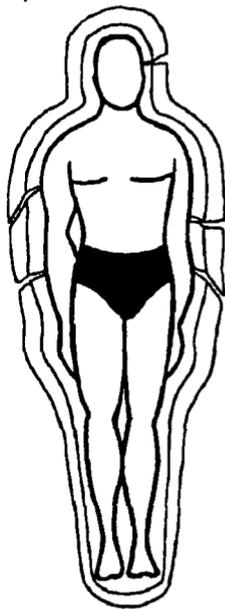


Figura 13

nosso perispírito e provocar, desarmonia que, como vimos, vai gerar a perturbação e esta a doença. (Figura13.)



Postas estas premissas, convém falarmos mais alguma coisa sobre os fluidos que vão ser manipulados, se é que podemos nos expressar assim falando de uma coisa que é imponderável e de natureza eletromagnética.

“Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este age sobre os fluidos como o som age sobre o ar; eles nos trazem o pensamento como o ar nos traz o som. Pode-se dizer, pois, com toda a verdade, que há, nestes fluidos, ondas e raios de pensamento, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.” (*A Gênese*, Allan Kardec, ed. IDE, pág.247.)

“O pensamento do Espírito encarnado age sobre os fluidos espirituais como o dos Espíritos desencarnados; ele se transmite de Espírito a Espírito pela mesma via, e, segundo seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos circundantes.” (*Idem*, pág. 249.)

“Os fluidos não têm denominações especiais; como os odores, são designados por suas propriedades, seus efeitos e seu tipo original. Sob o aspecto moral, carregam a marca dos sentimentos do ódio, da inveja, do ciúme, do orgulho, do egoísmo, da violência, da hipocrisia, da bondade, da benevolência, do amor, da caridade, da doçura, etc.; sob o aspecto físico, são excitantes, calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, dulcificantes, suporíferos, narcóticos, tóxicos, reparadores, eliminadores: tornam-se força de transmissão ou de propulsão, etc. O quadro dos fluidos seria, pois, o de todas as paixões, das virtudes e dos vícios da Humanidade, e das propriedades da matéria

correspondendo aos efeitos que elas produzem.” (*Idem*, pág. 248.)

Estes ensinamentos que transcrevemos acima, são muito importantes para o entendimento da nossa ação no passe. Vemos que a nossa vontade, pelo nosso pensamento, age sobre os fluidos modificando-os em suas propriedades e que eles, assim, têm a marca de nossa emoção, de nosso sentimento, negativo ou positivo.

Na prática, por exemplo, se uma pessoa tem forte dor localizada em determinado ponto do corpo, podemos impregnar o nosso pensamento com o desejo de mandar-lhe uma corrente fluídica de natureza anestésica a fim de suprimir a dor, e essa energia, esse fluido assim modificado vai atuar no paciente para produzir o efeito desejado.

Temos aqui, pois, mais um elemento a ser considerado na aplicação do passe, qual seja o da elaboração de fluido determinado, pela nossa vontade e através do pensamento, a fim beneficiar a carência do nosso irmão enfermo.

Naturalmente, devemos entender que não iremos conseguir esta especialização num passe de mágica, mas com o exercício perseverante da faculdade. Cada vez que aplicarmos um passe, procuremos dar essa ou aquela qualidade aos nossos fluidos, ou melhor, à corrente eletromagnética que estamos movimentando e procuremos avaliar, em cuidadosa conversa com o paciente, os efeitos produzidos a fim de sentirmos se estamos, ou não, progredindo nesse aspecto de dar qualidades especiais ao nosso fluido.

Convém mencionar que, no decorrer destas anotações, o amigo leitor está esbarrando com a qualificação de passista e de magnetizador para aquele que aplica o passe. Muitos confrades não gostam mesmo do uso de termos

como magnetismo, magnetizador e quejandos que entendem ser emprestados ao ocultismo e às ciências esotéricas.

Que nos perdoem, mas precisamos deixar bem claro que o passe, em si, é uma operação magnética, é a movimentação de uma corrente magnética, ou eletromagnética e, por isso, vamos insistir sempre em que quem a movimenta é um magnetizador, palavra que, aliás, como vimos, André Luiz emprega sem qualquer receio.

A pessoa que chegar a este entendimento não vai, por exemplo, pensar em estender as mãos em concha para receber nela a energia magnética em forma de flocos de neve, para espargi-los sobre o paciente, porque isto, para ela, já não terá qualquer sentido.



Vamos abrir um parêntesis para definirmos, de certa forma, três palavras que usamos muito até aqui, e que, na realidade, são a chave do entendimento que pretendemos passar aos nossos leitores, a saber: pensamento, energia e fluido.

“O pensamento é força eletromagnética.” afirma Emmanuel em seu livro *Pensamento e Vida*, Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, cap. 2.

Isto é tudo o que estamos tentando dizer, desde o início, como ponto de partida para a compreensão do mecanismo e do efeito da irradiação magnética no passe.

Sem que o queiramos, no entanto, tendo em vista que precisamos lidar com palavras que têm quase o mesmo sentido, percebemos em nosso texto que, às vezes, fica difícil saber diferenciar uma coisa da outra.

Abrimos nosso estudo abordando o assunto *fluido*

cósmico, como ponto de partida, mostrando que ele enche o espaço sideral e que é *energia*, e que essa energia fundamental, a que provém de Deus, é modificada pela irradiação de todas as fontes que enchem esse espaço, como galáxias, constelações, sistemas planetários, etc. sendo o produto desse campo magnético assim formado que nos envolve e nos alimenta.

Esse fluido cósmico, ou *fluido universal*, ao redor de cada mundo tem certas características que esse mundo lhe dá, formando o que se pode chamar a atmosfera espiritual do planeta, naturalmente resultante da irradiação de cada corpo e de cada mente, pois, como vimos, todos os corpos da natureza irradiam seu próprio campo magnético.

Vamos recorrer outra vez aos ensinamentos da Codificação, retirando do mesmo capítulo de *A Gênese*, mais alguns elementos de compreensão:

“5. - O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, de que nada pode nos dar uma idéia; o ponto oposto é a sua transformação em matéria tangível. Entre esses dois extremos existem inumeráveis transformações, que se aproximam, mais ou menos, de um ou do outro. Os fluidos mais vizinhos da materialidade, os menos puros por consequência, compõem o que se pode chamar a *atmosfera espiritual terrestre*. É neste meio, onde se encontram igualmente diferentes graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados da Terra haurem os elementos necessários à economia de sua existência. Estes fluidos por sutis e impalpáveis que sejam para nós, não o são menos de uma natureza grosseira, comparativamente aos fluidos etéreos das regiões superiores.

“Ocorre o mesmo na superfície de todos os mundos, salvo as diferenças de constituição e as condições de vitalidade próprias a cada um. Quanto menos a vida é

material, menos os fluidos espirituais têm afinidade com a matéria propriamente dita.”

Vemos, pois, que esse fluido da *atmosfera espiritual do planeta*, na verdade é o *fluido vital* que mantém a vida dos seres, e é essa *energia magnética*, da qual estamos falando a cada instante, e que pode ser transmitida de indivíduo a indivíduo pela irradiação magnética, pelo passe.

É sobre essa *matéria prima* que o pensamento trabalha e elabora o *produto* que vai ser irradiado, a corrente magnética com as características dadas pela vontade do magnetizador. Propriamente o pensamento não *cria* uma energia, mas transforma a energia da qual o indivíduo está cheio, dando-lhe outras propriedades.

Em resumo, temos, pois, que o fluido cósmico, ou universal, se transforma com as irradiações do nosso globo formando um fluido característico com a vida na Terra, que vem a ser o fluido vital, essa energia que entretém a nossa vida, e que, por sua vez, transformado pela nossa vontade, através do pensamento, transforma-se numa corrente eletromagnética, numa energia, que vai ser utilizada na transmissão pelo passe, ou ser irradiada normalmente como são irradiados todos os nossos pensamentos.

Podemos dizer que essa corrente eletromagnética, essa energia, assemelha-se à onda de rádio, pois, como ela, trata-se de corrente alternada, vibrando em determinada frequência, em ciclos por segundo, e, como a onda de rádio, pode ser captada pela nossa mente, quando esta entra em sintonia com ela, tal como acontece quando acionamos o dial de nosso radioreceptor. Da mesma forma, podemos dizer que nossa estrutura pessoal funciona como os transmissores de radiodifusão, uma vez que estes recebem a corrente da linha de energia elétrica, digamos de 60 ciclos, e, através de transformadores de tensão e

circuitos osciladores apropriados, transformam essa energia em ondas de frequências mais altas, cobrindo a vasta gama de quilociclos e megaciclos que definem as ondas da radiodifusão comum, que irradiam e, como as ondas dos pensamentos, estão no ar sem se misturarem.

Isto implica dizer que, não tendo a corrente alternada polaridade fixa, porque ela se inverte a cada ciclo, não nos parece razoável o entendimento de que a corrente que circula em nosso corpo de um lado dele é negativa e do outro é positiva.

*

Como entendemos que deve ser aplicado o passe?

Vamos, então, procurar sintetizar tudo o que foi dito anteriormente, e sugerir um modo de se fazer a aplicação do passe.

Entendemos pessoalmente, e assim procedemos quando aplicamos o passe, que devemos seguir uma rotina, um modo de atuação uniforme, principalmente porque, com isso, criamos uma espécie de automatismo que facilita sobremaneira a circulação da corrente magnética a que nos referimos.

De início, vamos considerar que o médium esteja se preparando para atender a apenas um paciente.

Em primeiro lugar, terá que se preparar convenientemente para entrar em ação, para predispor-se a receber a assistência espiritual que, por seu intermédio, vai beneficiar o paciente.

Poderá, por exemplo, fazer uma prece em voz alta, invocando a proteção divina através dos Amigos Espirituais que o assistem e irão ajudar no passe, rogando para que o paciente possa ser beneficiado e venha a alcançar o que almeja. Esta providência vai ajudar o paciente a se

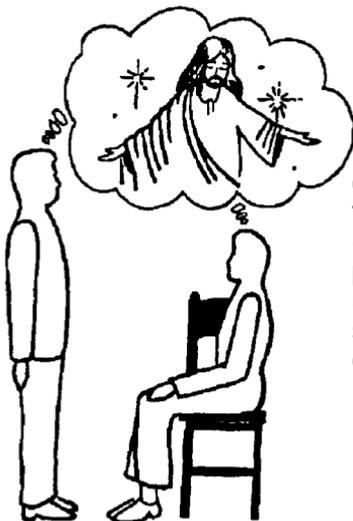


Figura 14

concentrar, a se preparar para receber o passe, se ele for convidado a acompanhar mentalmente a prece. (Fig. 14.)

Costumo colocar o paciente sentado com o lado para o espaldar da cadeira de modo que suas costas fiquem livres. (Fig. 15.)



Figura 15

Vamos lembrar que o seu perispírito será alcançado através de sua aura, e que esta, inclusive, dá acesso direto a qualquer ponto do corpo que focalizarmos não sendo necessário, pois, que o paciente seja tocado em seu corpo, uma vez que vamos atuar apenas fora dele, no seu campo fluídico, ou magnético.

A primeira operação, como vimos anteriormente, será a de *limpeza*, isto é, de extração dos fluidos negativos que tenham aderido ao paciente. Como se depreende dos ensinamentos que os Espíritos nos têm dado através dos livros, a atuação dos Espíritos inferiores se concentra mais particularmente nas costas, especialmente na nuca e ao longo da coluna vertebral e, para exemplificar, ouvi alguém já dizer que devemos imaginar como se uma pessoa, toda elameada, tivesse abraçado o paciente deixando-lhe aque-

les depósitos de lama, e que representam os resíduos mentais que vamos tentar retirar.

Partindo da cabeça, desçamos as duas mãos lentamente pelas costas do paciente, mentalizando que todos os resíduos existentes estão sendo atraídos para as nossas mãos, e, chegando no fim do percurso, esfreguemos as mãos, uma na outra para que o produto retirado se desfaça, repetindo esta operação por diversas vezes. (Fig. 16.)

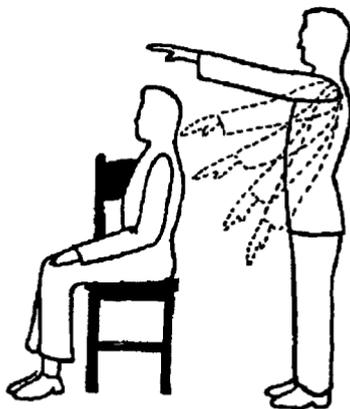


Figura 16

A segunda etapa será a de restauração da aura do paciente. A rigor, sendo a aura um efeito e não a causa, desde que alcancemos os centros de força do paciente e o equilibremos a sua aura se restabelecerá na mesma medida do seu restabelecimento. Mas como, por outro lado, ela é uma *antena receptora* através da qual absorvemos os fluidos exteriores, em sintonia com o nosso estado vibratório, entendemos que podemos intervir diretamente nesse campo magnético. Para isto, aplicaremos o passe, ou melhor, movimentaremos as duas mãos, uma em cada metade correspondente do corpo, a alguns centímetros acima deste, em todo o redor do paciente, mentalizando a emissão de nossa corrente magnética através de nossas mãos sobre o seu campo fluídico, de modo a que este se equilibre e sejam corrigidos os seus *defeitos*, se assim podemos nos expressar, que são as falhas na aura, que possibilitam a absorção de fluidos negativos e a intervenção maléfica de Espíritos inferiores. Como vimos, a aura se constitui num *escudo protetor* que nos isola da ação das ondas e fluidos exte-

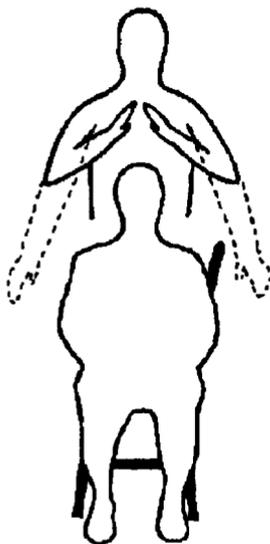


Figura 17

riores, e, por isto, é fundamental que ela esteja uniforme e brilhante, sendo o brilho o sinal de sua *saúde*. Repetiremos essa movimentação algumas vezes, até que sintamos que seja o suficiente. (Fig. 17.)

Passando ao estágio seguinte, colocamos a mão esquerda sobre a cabeça do paciente e a mão direita diante de seus olhos, naturalmente sem tocar o corpo, e mentalizamos a emissão da nossa corrente magnética, partindo do centro de nossa cabeça e espalhando-se pelos braços, descendo até as mãos e irradiando-se para dentro da cabeça do paciente, sendo que, por ali, atingiremos o seu centro coronário, que governa e irradia para todos os demais centros de

força, ensejando que a corrente magnética se espalhe para todo o organismo. Do mesmo modo que as correntes negativas procuram o ponto mais fraco do organismo para se localizarem, as correntes positivas seguem o mesmo rumo e, uma vez recebido o auxílio externo, o centro coronário supre com mais abundância as partes mais enfraquecidas do organismo. Vale mencionar que o centro cerebral, que controla também funções importantíssimas como, por exemplo, a criatividade e certas faculdades mediúnicas, se encontra no trajeto e se beneficia também, desde logo, com a emissão fluídica. (Fig. 18.)

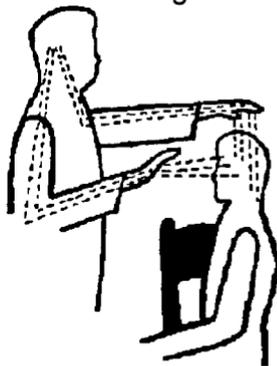


Figura 18

Alternativamente, ou em sequência, podemos aplicar o passe sobre a região afetada, de modo a irradiar diretamente sobre o problema e o faremos impondo as mãos. Neste caso, vale lembrar que, segundo nos ensinam os Espíritos, os melhores pontos de irradiação são os olhos e a ponta dos dedos. Logo, poderemos direcionar as pontas dos dedos, mentalizando ali a saída da corrente magnética, através de chispas luminosas. Apenas a título de esclarecimento, convém lembrar que os olhos estão colocados diante do centro coronário e é por isso que se constituem em ponto excelente de irradiação, sem que tenhamos que mantê-los, por isso mesmo, abertos para que a corrente se irradie, pois, como dissemos, quem irradia é o centro coronário. (Fig. 19.)

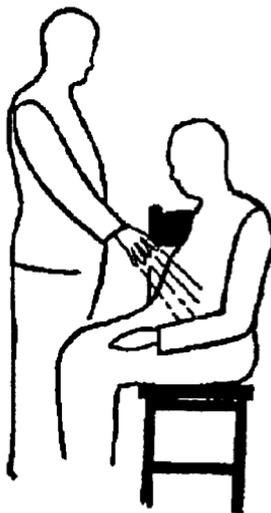


Figura 19

Talvez não seja demasiado acentuar que, no momento em que está aplicando o passe, o magnetizador, ou passista, não pode ter a mente ocupada com outra coisa do que a geração, captação e circulação da corrente magnética que vai movimentar. Não nos parece aconselhável, por exemplo, que, enquanto estiver operando, esteja preocupado em recitar uma prece mental. O que podemos fazer, nos parece, será transformar a operação magnética numa espécie de prece. Exemplifiquemos: estendemos as mãos para operar e pedimos a Deus, a Jesus e aos bons Espíritos, que nos assistam para que possamos ser intermediários no socorro daquele paciente; quando começamos a operar, iremos pedindo que ele possa ser aliviado, por acréscimo da Misericórdia Divina, de toda a carga

negativa que tenha armazenado em sua fraqueza; que, em sua ajuda, os bons Espíritos possam restaurar a integridade de sua aura e, através dela, equilibrar os seus órgãos em desarmonia; que a Bondade Divina permita-lhe receber o socorro magnético através de seu centro coronário para que este o difunda pelo organismo e restaure as suas dificuldades funcionais, especialmente corrigindo-lhe tais e tais anomalias; findo o passe, agradecendo ao Senhor a oportunidade de servir de intermediário naquele socorro. Como vemos, poderemos chegar a uma sincera oração ao mesmo tempo que operamos a movimentação das forças fluídicas, ou magnéticas, em ação.

Dissemos acima que a uniformização da movimentação do passe redundará em automatização da operação. Queremos dizer com isso que, depois que o magnetizador exercitou a movimentação de fluidos como foi recomendada, ele condicionou um mecanismo que será acionado quando desencadear a operação, uma espécie de reflexo condicionado, de Pavlov, que irá se aperfeiçoando à medida que se exercita, ou seja, já não precisará sempre mentalizar toda a movimentação da corrente, porque ela se fará automaticamente.

Isto, no entanto, não deve ser observado pelos magnetizadores iniciantes, que não desenvolveram esse mecanismo, até que, à força de mentalizar sempre essa movimentação fluídica eles adquiram esse reflexo automático.

É bom frisar que, naturalmente, tudo o que está sendo dito aqui é feito a título de informação e de sugestão uma vez que não temos autoridade para fixar procedimentos de tal natureza. Por isso mesmo, procuramos trazer os textos instrutivos retirados dos livros espíritas para fundamentar a nossa opinião.

O nosso objetivo principal, ao tentarmos este pequeno trabalho, foi o de conscientizar as pessoas da nossa natureza eletromagnética e da natureza eletromagnética do passe, de modo a que possam ter consciência do que fazem, e, assim, façam o melhor.



Se podemos assemelhar a corrente magnética, do pensamento que se irradia em formas de ondas de frequência determinada, às ondas de rádio, convém lembrar, com bastante ênfase, que, como naquele caso, o problema da irradiação e da recepção, portanto, da concretização da operação, está subordinado à *sintonia* entre as duas pontas: a que irradia e a que recebe.

Se o paciente não acredita no passe, ou se, por exemplo, seu mal lhe é necessário e ele ainda não pode ser curado, o que envolve um problema de merecimento e de oportunidade, ele, seguramente, será refratário e a corrente magnética não o penetrará, resvalando em sua aura e perdendo-se de certa forma, porque, na verdade, ela se reintegra no ambiente fluídico do qual saiu.

Temos um amigo vidente que, certa vez, quando aplicava passes, com incorporação, os Espíritos lhe permitiram ver as chispas que saíam de sua mão, ricocheteavam na cabeça e no corpo do paciente, para chocar-se com o solo.

Tendo observado tal refratariedade absoluta, procurou conversar com o paciente e este acabou confessando que ali fora apenas por curiosidade, para ver como era o passe.

CAPÍTULO IX

O PASSE NO CENTRO ESPÍRITA

Sem dúvida, tudo o que se disse sobre o passe no capítulo anterior pode ser considerado em sua aplicação no Centro Espírita. Por que, então, um capítulo novo para considerar a questão sob esse aspecto?

De início, podemos argumentar que o ambiente do Centro Espírita é mais apropriado do que qualquer outro lugar para o serviço de passes; em segundo lugar, devemos considerar a sua frequência, o número de pessoas que se apresentam para o benefício do passe, o que condiciona muito o tempo que se dispõe tendo em vista o número dos magnetizadores.

Falamos de um serviço sério e permanente, exercido por pessoas responsáveis e conscientes de seu papel, que mereça a assistência dos Espíritos Superiores e, de fato, seja eficiente.

Na esteira destas considerações, examinemos o Centro Espírita como local apropriado para o serviço de passes. Mas, antes que entremos no apontamento das nossas experiências nesse setor, ao longo dos anos, vamos buscar, como ponto de partida, alguns esclareci-

mentos nos livros espíritas, informações valiosas e seguras vindas do Mundo Espiritual pela palavra dos Espíritos.

Do capítulo 43, do livro *Os Mensageiros* (1), vamos transcrever algumas informações sobre as providências que os Espíritos realizam antes do início dos trabalhos , sendo que, no caso, o local era o de uma casa familiar, a da médium que o dirigia:

“Chegamos de regresso à residência de Dona Isabel, quando faltavam poucos minutos para as dezoito horas e já o salão estava repleto de trabalhadores em movimento.

“Observando, com estranheza, determinadas operações, fiz algumas perguntas ao nosso orientador, que me esclareceu com bondade:

“– Realizar uma sessão de trabalhos espirituais eficientes não é coisa tão simples. Quando encontramos companheiros encarnados, entregues ao serviço com devotamento e bom ânimo, isentos de preocupações, de experiências más e inquietações injustificáveis, mobilizamos grandes recursos a favor do êxito necessário. Claro que não podemos auxiliar atividades infantis, nesse terreno. Quem não deseje cuidar de semelhantes obrigações, com a seriedade devida, poderá esperar fatalmente pelos espíritos menos sérios, porquanto a morte física não significa renovação para quem não procurou renovar-se. Onde se reúnam almas levianas, aí estará igualmente a leviandade. No caso de Isabel, porém, há que lhe auxiliar o esforço edificante . Em todos os setores evolutivos, é natural que o trabalhador sincero e eficiente receba recursos sempre mais vastos. Onde se encontre a atividade do bem, permanecerá a colaboração espiritual de ordem superior.

“Calara-se o bondoso amigo.

(1) Francisco Cândido Xavier, André Luiz, 24ª ed. FEB, pág. 224.

“Continuei reparando as laboriosas atividades de alguns irmãos que dividiam a sala, de modo singular, utilizando longas faixas fluídicas. Aniceto veio em socorro de minha perplexidade, explicando, atencioso:

– Estes amigos estão promovendo a obra de preservação e vigilância. Serão trazidos aos trabalhos dezenas de sofredores e torna-se imprescindível limitar-lhes a zona de influência neste templo familiar. Para isso, nossos companheiros preparam as necessárias divisões magnéticas.

“Observei, admirado, que eles magnetizavam o próprio ar.

“Nosso instrutor, porém, informou, gentil:

– Não se impressione André. Em nossos serviços, o magnetismo é força preponderante. Somos compelidos a movimentá-lo em grande escala.

“E, sorrindo, concluiu:

– Já os sacerdotes do antigo Egito não ignoravam que, para atingir determinados efeitos, é indispensável impregnar a atmosfera de elementos espirituais, saturando-a de valores positivos da nossa vontade. Para disseminar as luzes evangélicas aos desencarnados, são precisas providências variadas e complexas, sem o que, tudo redundaria em aumento de perturbações. Este núcleo é pequenino, considerado do ponto de vista material, mas apresenta grande significação para nós outros. É preciso vigiar, não o esqueçamos.

Do capítulo 17, do livro *Nos Domínios da Mediunidade* (1) que trata do Serviço de Passes, vamos retirar os ensinamentos abaixo transcritos, a saber:

(1) Francisco Cândido Xavier, André Luiz, 13ª ed. FEB.

“– Como compreender a atmosfera radiante em que nos banhamos? – aventurou Hilário, curioso.

“– Nesta sala – explicou Áulus amigavelmente – se reúnem sublimadas emanações mentais da maioria de quantos se valem do socorro magnético, tomados de amor e confiança. Aqui possuímos uma espécie de altar interior, formado de pensamentos, preces e aspirações de quantos nos procuram trazendo o melhor de si mesmos.” (Pág. 161.)

Vamos abrir um parêntesis para mencionar que constatamos, em muitos Centros Espíritas, a existência de uma Sala de Preces, onde as pessoas adentram para orar e contribuir, assim, para a fluidificação positiva do ambiente, que fica saturado de energia e onde os magnetizadores, antes de começarem o seu trabalho, se recolhem também para orarem e haurirem essas energias que utilizam em seguida na aplicação do passe, vindo, quando sentem necessidade disso, se retemperar de energias, embora, como se sabe, o magnetizador nunca chega à exaustão, devido à sua recomposição natural tirada dos fluidos ambientes e daqueles cedidos pelos Espíritos que o assistem.

Para termos idéia de como se processa essa renovação de energia, recordemos uma afirmação contida no livro *A Gênese*, já transcrita anteriormente, mas que vale ser lembrada:

“Sendo o perispírito dos encarnados de uma natureza idêntica à dos fluidos espirituais, assimila-os com facilidade, como uma esponja se embebe de líquido.” (Pág. 249.)

Como vemos, isso implica dizer que a restauração das forças gastas é feita automática e imediatamente, desde que o ambiente seja favorável, isto é, esteja provido dessa energia.

Devemos levar em conta também que, num serviço regular e constante, o Centro Espírita conta com a cooperação dos bons Espíritos para a preparação do ambiente e a execução da tarefa quanto à sua parte concernente ao socorro do mundo espiritual.

Prossigamos em nossa transcrição retirada do mencionado livro de André Luiz:

“– O amigo permanece freqüentemente aqui?”

“– Sim, tomamos sob nossa responsabilidade os serviços assistenciais da instituição, em favor dos doentes, duas noites por semana.

“– Dos enfermos tão-somente encarnados?”

“– Não é bem assim. Atendemos aos necessitados de qualquer procedência.

“– Conta com muitos cooperadores?”

“– Integramos um quadro de auxiliares, de acordo com a organização estabelecida pelos mentores da Esfera Superior.

“– Quer dizer que, numa casa como esta há colaboradores espirituais devidamente fichados, assim como ocorre a médicos e enfermeiros num hospital terrestre comum?”

“– Perfeitamente. Tanto entre os homens como entre nós, que ainda nos achamos longe da perfeição espiritual, o êxito do trabalho reclama experiência, horário, segurança e responsabilidade do servidor fiel aos compromissos assumidos. A Lei não pode menosprezar as linhas da lógica.”
(...)

“– Preparam-se nossos amigos, à frente do trabalho, com o auxílio da prece?”

“– Sem dúvida. A oração é prodigioso banho de

forças, tal a vigorosa corrente mental que atrai. Por ela, Clara e Henrique expulsam do próprio mundo interior os sombrios remanescentes da atividade comum que trazem do círculo diário de luta e sorvem do nosso plano as substâncias renovadoras de que se repletam, a fim de conseguirem operar com eficiência, a favor do próximo. Desse modo, ajudam e acabam por ser firmemente ajudados.

“– Isso significa que não precisam rezear a sua exaustão...”

“– De modo algum. Tanto quanto nós, não comparamos aqui com a pretensão de serem os senhores do benefício, mas sim na condição de beneficiários que recebem para dar. A oração, com o reconhecimento de nossa desvalia, coloca-nos na posição de simples elos de uma cadeia de socorro, cuja orientação reside no Alto. Somos nós aqui, neste recinto consagrado à missão evangélica, sob a inspiração de Jesus, algo semelhante à singela tomada elétrica, dando passagem à força que não nos pertence e que servirá na produção de energia e luz.”

(...) “Enfermos de variada expressão entravam espreançosos e retiravam-se, depois de atendidos, com evidentes sinais de reconforto. Das mãos de Clara e Henrique irradiavam-se luminosas chispas, comunicando-lhes vigor e refazimento.

“Na maioria dos casos, não precisavam tocar o corpo dos pacientes, de modo direto. Os recursos magnéticos, aplicados a reduzida distância, penetravam assim mesmo o “halo vital” ou a aura dos doentes, provocando modificações subitâneas.

“Os passistas afiguravam-se-nos como duas pilhas humanas deitando raios de espécie múltipla, a lhes fluírem das mãos, depois de lhes percorrerem a cabeça, ao contato do irmão Conrado e de seus colaboradores.

“O quadro era efetivamente fascinador pelos jogos de luz que apresentava.

“Hilário sondou o ambiente e, em seguida, indagou de nosso orientador:

“– Por que motivo a energia transmitida pelos amigos espirituais circula primeiramente na cabeça dos médiums?

“– Ainda aqui – disse Áulus –, não podemos subestimar a importância da mente. O pensamento influi de maneira decisiva, na doação de princípios curadores. Sem a idéia iluminada pela fé e pela boa-vontade, o médium não conseguiria ligação com os Espíritos amigos que atuam sobre essas bases.” (Pág. 163.)

As informações e ensinamentos, contidos nos trechos acima transcritos, já bastam para nos fazer vislumbrar a importância do ambiente do Centro Espírita para o serviço de passes, bem como a organização e assistência que os seus trabalhos habituais merecem do Mundo Maior.

Assim sendo, devemos adotar o princípio de que o passe, fora do Centro Espírita, só deve ser aplicado em casos de emergência e de impossibilidade de locomoção do paciente, e isso, como vimos, em benefício deste, não devendo nos esquecer que, indo ao Centro Espírita para receber o passe, o paciente tem oportunidade de conhecer mais de perto a Doutrina, e se interessar mais por ela, diante da clareza de seus princípios.

Outra questão que deve ser considerada, como já observamos, é a da quantidade das pessoas que costumam ser atendidas e que, sem dúvida, vai condicionar o tempo que pode ser despendido com cada paciente, especialmente quando o número dos magnetizadores é reduzido.

Esta circunstância pode obrigar a que se adote uma rotina de atendimento que, sem perder em qualidade, possa fazer frente à quantidade dos pacientes que se apresentam.

Não há dúvida de que, se aplicarmos um passe completo, como aquele que está preconizado no capítulo anterior, será preferível.

Mas se tivermos que atender a muitos pacientes, com poucos magnetizadores, deveremos, sem hesitação, se preciso for, nos limitar à magnetização através do centro coronário, uma vez que este tem a propriedade de distribuir a energia por todo o organismo, impondo as mãos sobre a sua cabeça.

Outra prática que nos parece salutar, facilita e tranqüiliza o serviço de passe é a de manter o recinto fechado, deixando que os pacientes entrem, e saiam, em grupos, de uma só vez.

Alguns Centros Espíritas adotam acomodar os pacientes mais graves em macas aplicando-se-lhes o passe nessa posição. (Fig. 20.)

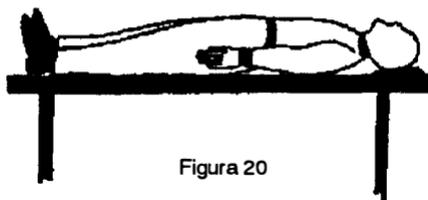


Figura 20

Trata-se de um sistema através do qual já fomos beneficiados, atendidos num Centro Espírita amigo ao qual visitávamos, e exatamente na noite que antecedeu a uma cirurgia difícil à qual fomos submetido.

A nossa permanência no recinto foi de 10 a 12 minutos. A música ambiente era adequada e facilitava o relaxamento; ficamos a sós alguns minutos deixando nos impregnar com a paz do local, que parecia saturado de bons fluidos. Depois fomos atendidos por um magnetizador que nos aplicou um passe, focalizando especialmente a região afetada, e nos deixaram mais alguns minutos antes que terminassem o serviço. Estávamos num grupo de pessoas em visita àquele Centro Espírita, e as pessoas que entraram juntas eram nossas acompanhantes; trocando impressões, depois, fora dali, todas afirmaram ter sentido inclusive toques sobre o corpo que, evidentemente, só poderiam ser de Espíritos.

Pensamos que tal serviço de passes, levado com muita seriedade e constância, poderá beneficiar enormemente aos doentes mais graves, realizar mesmo curas completas e difíceis.

É indiscutível, pois, que o ambiente do Centro Espírita, tendo em vista principalmente a assistência espiritual de que dispõe, como vimos nas transcrições acima, é o mais adequado local para a aplicação de passes.

Uma coisa que não podemos deixar de considerar, tendo em vista que ele é freqüentado por muitas pessoas, é a da preservação do ambiente, do clima mental, espiritual, a fim de que haja recursos magnéticos para serem utilizados .

Uma prática que melhora sobremaneira o ambiente e mantém os assistentes atentos, eliminando conversas e cochichos inconvenientes, é a do canto de músicas apropriadas, pelos assistentes, das quais já existe um vasto repertório para ser usado. A música tem o condão de

manter as pessoas aliviadas e alegres, levando-as a irradiarem positivamente, a se prepararem para a recepção do passe. Falamos aqui da mobilização dos assistentes para cantarem, prática que alguns Centros Espíritas já adotam e que ajuda também, e poderosamente, a saturar o ambiente de bons fluidos.

Em favor desta opinião, vamos recorrer ao que dizem os Espíritos.

Conta André Luiz, em seu livro “Missionários da Luz” (24ª edição, FEB, pág. 118, Francisco C. Xavier) que, numa sessão de materialização, durante os preparativos, tendo em vista que o ambiente proporcionado pelas pessoas encarnadas não era satisfatório, o instrutor Calemério tomou a providência seguinte:

“– Alencar, é necessário extinguir o conflito de vibrações. Nossos amigos ignoram ainda como auxiliar-nos, harmonicamente, através das emissões mentais. É mais razoável se abtenham da concentração por agora. Digalhes que cantem ou façam música de outra natureza. Procure distrair-lhes a atenção deseducada.”

CAPÍTULO X

CONCLUSÃO

Cada célula do corpo humano, como sabemos, é uma unidade de vida, um ser vivo, e, portanto, um corpo magnético a irradiar. Da irradiação individual de todas as nossas células se compõe o nosso *halo vital*, a nossa aura, na parte que corresponde ao nosso corpo físico e ao nosso perispírito (fig. 3) e sobre esse magnetismo, de alguma sorte físico, se espraia o magnetismo de nosso corpo mental, depósito de todas as nossas aquisições espirituais, impregnado pelas vibrações e cores de nosso pensamento, a nos individualizar como um dos filhos de Deus.

“– Um dia compreenderá o homem comum a importância do pensamento. Por agora, é muito difícil revelar-lhe o sublime poder da mente”, são palavras de Anacleto que André Luiz registrou nas páginas do livro, já mencionado, *Missionários da Luz*, pág. 333.

A *corrente magnética* que circula na operação do passe, da qual tratamos aqui, nada mais é que o pensamento do homem, gerado em sua mente, com a qualidade de seu Espírito, e acionado para fora para penetrar em outro corpo eletromagnético em forma de energia a ser

acrescentada e utilizada na sua organização para a restauração de sua harmonia íntima.

Quanto mais puro e nobre for o Espírito, mais sua irradiação será poderosa e restauradora.

Alguém tocou as vestes do Cristo e só com isto curou-se; é que este, sentindo o toque deu a sua irradiação em resposta, operando a restauração da pessoa doente.

O passe, como se vê, é uma doação de nós mesmos através do pensamento fraterno e restaurador.

Quando essa energia vem de um Espírito amigo, é seu pensamento que penetra em nossa mente para irradiar-se, como se viu nas valiosas transcrições que fizemos.

Aplicar-se nesse serviço que a Doutrina Espírita estimula e oferece nos Centros Espíritas é um modo de ingressar na fileira dos que praticam uma das mais belas formas de caridade: o passe, que leva um pouco de nós mesmos, de nossa integridade física e espiritual, diretamente para o interior de outro ser, para a sua integridade.

Lendo os livros espíritas vemos que, no Mundo Espiritual, os Espíritos aplicam passes *longitudinais, circulares e outros*, tratando-se de detalhes que fogem ao âmbito deste trabalho que, como ficou dito, tem a pretensão apenas de tentar despertar nossos confrades para a nossa realidade de um ser de natureza eletromagnética em interação constante com outros seres da mesma natureza, para que esse intercâmbio resulte consciente e proveitoso. No entanto, para despertar a curiosidade daqueles que se interessam em aprofundar o assunto, diremos que, como se deduz das narrativas, os passes longitudinais têm efeito dispersivo dos fluidos e os circulares têm o poder de concentrá-los, juntá-los em determinado ponto.

Evitamos, a todo momento, falar em *passé curador*, porque a expressão encerra muita responsabilidade.

Num sentido porque não podemos, legalmente, instituir um *serviço de cura*, uma vez que essa qualidade pertence aos médicos regularmente licenciados.

Por outro lado, o paciente a ser atendido estará sempre na expectativa de ser *curado*, o que, como sabemos, jamais poderemos garantir, uma vez que o problema do merecimento está muito ligado ao sucesso da operação, e há casos que, pela sua gravidade, efetivamente, dificilmente chegam à cura completa.

No entanto, ninguém pode nos proibir de orarmos em conjunto com pessoas enfermas, rogando as bênçãos de Deus para elas, a fim de que se curem, nem podem nos proibir de transmitir-lhes as nossas próprias energias, e a energia que os Espíritos nos transmitem.

Se acontecer da pessoa ser curada de sua enfermidade, isto será uma bênção do Céu porque, como vimos na transcrição feita no capítulo anterior, não somos mais do que intermediários, à feição da tomada que dá passagem à corrente elétrica que vai produzir força e luz.

O acompanhamento do serviço de *passé* nos tem demonstrado que sempre há um resultado positivo, seja num simples alívio temporário, seja, realmente, curando a pessoa.

As dores localizadas, geralmente, são eliminadas com os *passes*, especialmente aquelas que resultam da ação de Espíritos obsessores.

As perturbações mentais que não sejam de origem patológica física, à miúdo são provocadas pelos Espíritos obsessores e, assim, são afastadas com a aplicação de *passes* magnéticos, como eles também são afastados.

Há muitíssimos casos de cura completa, inclusive de doenças dadas como incuráveis, que são noticiados freqüentemente.

No entanto, não é demais transcrever, do livro *Nos Domínios da Mediunidade*, um trecho em continuação àquele que já transcrevemos, a saber: (Pág. 169.)

“– Nossa irmã estará curada?”

“– Isso é impossível – acentuou Aulus, paternal –; temos aí órgãos e vasos comprometidos. O tempo não pode ser desprezado na solução.

“– E em que bases se articula semelhante processo de curar?”

“– O passe é uma transfusão de energias, alterando o campo celular. Vocês sabem que na própria ciência humana de hoje o átomo não é mais o tijolo indivisível da matéria... que, antes dele, encontram-se linhas de força, aglutinando os princípios subatômicos, e que, antes desses princípios, surge a vida mental determinante... Tudo é espírito no santuário da Natureza. Renovemos o pensamento e tudo se modificará conosco. Na assistência magnética, os recursos espirituais se entrosam entre a emissão e a recepção, ajudando a criatura necessitada para que ela ajude a si mesma. A mente reanimada reergue as vidas microscópicas que a servem no templo do corpo, edificando valiosas reconstruções. O passe, como reconhecemos, é importante contribuição para quem saiba recebê-lo, com o respeito e a confiança que o valorizam.”

O serviço de passe, no Centro Espírita, como vimos, é de suma importância e, por isso, deve ser incrementado, aperfeiçoado, de modo a atender, os que o procuram, da melhor maneira possível.

Estejamos certos de que, se formos sinceros, perse-

verantes, sérios em nossos propósitos, o Mundo Maior estará ao nosso lado para realizar um trabalho profícuo.

Não podemos perder de vista que a ciência oficial, de modo geral, não admite a existência do Espírito e, conseqüentemente, a continuidade da vida e a influência dos seres do mundo invisível sobre a população encarnada, influência esta que, em seu sentido negativo, foi definida pelos Espíritos como sendo *o maior flagelo da Humanidade*, e que, assim, os resultados deletérios dessa atuação não são compreendidos, uma vez que não se lhes admite a causa.

Cumpramos a nós, os que conhecemos o problema e militamos na Doutrina Espírita, socorrer as pessoas atacadas pelos Espíritos inferiores, ou impregnadas pelos fluidos de baixa freqüência que venham a sintonizar inadvertidamente, e que lhes provocam sintomas de difícil definição para os leigos do assunto.

E este socorro pode ser dado com o concurso dos passes magnéticos, como vimos através de tudo o que se disse até aqui.

Mãos à obra, pois, os que estiverem interessados em servir ao próximo nesse setor tão belo, que nos aperfeiçoa por dentro à força de nos alijarmos de nossas próprias forças para que os outros sejam fortalecidos, ao mesmo tempo que nos fortalecemos cada vez mais no sublime retorno do bem, que sempre multiplica a colheita das sementeira feita com devotamento e amor.

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES



INSTITUTO
DE DIFUSÃO
ESPÍRITA